



JOSEMIR JOSÉ GREGORY

**MEMÓRIA SOCIAL DA COLONIZAÇÃO GERMÂNICA EM ESTRELA/RS:
IGREJAS COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA**

CANOAS, 2020

JOSEMIR JOSÉ GREGORY

**MEMÓRIA SOCIAL DA COLONIZAÇÃO GERMÂNICA EM ESTRELA/RS:
IGREJAS COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Memória Social
e Bens Culturais da Universidade La Salle –
Unilasalle para obtenção do título de mestre.
Linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Danielle Heberle Viegas

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G822m Gregory, Josemir José.

Memória social da colonização germânica em Estrela - RS [manuscrito] : igrejas como espaços de memória / Josemir José Gregory – 2020.
89 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Prof^a. Dra. Danielle Heberle Viegas”.

“Coorientação: Prof^a. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

1. Memória social. 2. Colonização alemã - igrejas. 3. Plataforma digital. I. Viegas, Danielle Heberle. II. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. III. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

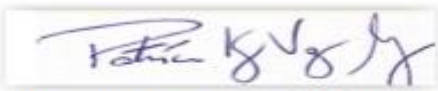
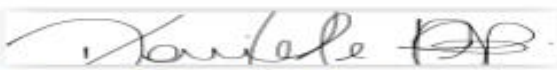
JOSEMIR JOSÉ GREGORY

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr FACCAT - Faculdades Integradas de Taquara/RS

Prof. Dr. Lucas Gareff Universidade La Salle

Profª. Drª. Tatiana Vargas Maia Universidade La Salle

Profª. Drª. Patricia Kayser Vargas Mangan Coorientadora - Universidade La Salle

Profª. Drª. Danielle Heberle Viegas Orientadora e Presidenta da Banca - Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 30 de julho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Desde muito cedo aprendi que, além de pedir, devemos agradecer. Agradeço, primeiramente, à orientadora Prof^a. Dr^a. Danielle Heberle Viegas, pois sua ajuda foi essencial para o desenvolvimento desta dissertação, bem como à coorientadora Prof^a Dr^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan.

Agradeço, também, ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Agradecimento especial aos componentes da banca, Prof. Dr. Daniel Gevehr, Prof. Dr. Lucas Graeff e a Prof^a. Dr.^a Tatiana Vargas Maia, por sua disponibilidade e por suas contribuições.

À família, pelo apoio e, em especial, à minha esposa Gabriela, pelo incentivo constante, aos amigos e a Deus. Vó Cecília (*in memoriam*), que ocupa um espaço enorme no meu coração e que deixou um trilha de saudades.

Meu muito obrigado a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desta dissertação!

*“Quando eu estiver velho,
gostaria de ter no corredor da minha casa
um mapa de Berlim
com uma legenda
Pontos azuis designariam as ruas onde morei
Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas
Triângulos marrons, os túmulos
Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que foram próximos a mim
E linhas pretas redesenhariam os caminhos
no zoológico ou no Tiergarten
que percorri conversando com as garotas
E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores
Onde repensava as semanas berlinenses
E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos
Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento”.*

Walter Benjamin

RESUMO

A presente dissertação busca versar sobre a memória social da colonização germânica em Estrela/RS a partir da compreensão das igrejas como espaços de memória. Como produto final, foi elaborada uma plataforma digital interativa, por meio da qual são indicadas as primeiras picadas e igrejas católicas e luteranas construídas quando do início da colonização do município. Nesse sentido, o estudo é justificado por tratar-se de uma ferramenta metodológica para estudos da área da História voltada, prioritariamente, para uso no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e privadas do município de Estrela. Para realização da pesquisa foram utilizadas fontes documentais que compõem o acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS) relacionados à imigração e à colonização, notoriamente um mapa do município datado de 1922.

Palavras-chave: Colonização germânica. Plataforma digital. Memória social.

ABSTRACT

This dissertation seeks to discuss the social memory of german-brazilian colonization in Estrela/RS. As an end product, an interactive digital platform was developed, based on historical cartographic sources, through which the first bites and catholic and Lutheran churches built when the colonization of the municipality of Estrela began. In this sense, the study is justified because it is a methodological tool for studies in the area of History and Geography, focused, primarily, for use in Elementary and Secondary Education of public and private schools in the municipality of Estrela. To carry out the research, documentary sources that make up the collection of Historical archive of Rio Grande do Sul (AHRs) were used, related to the immigration of the first settlers of the municipality, as well as a map of the municipality dated from 1922 and bibliographic references related to the theme.

Keywords: German colonization. Digital platform. Social Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Monumento Chuck e Ruth.....	22
Figura 2 – Pórtico de entrada do município de Estrela.....	22
Figura 3 – Obelisco em homenagem ao centenário da imigração alemã no Brasil.....	24
Figura 4 – Monumento ao imigrante em Forquetinha/RS.....	27
Figura 5 – Monumento ao imigrante em Imigrante/RS.....	28
Figura 6 – Casa com técnica construtiva em enxaimel no centro de Estrela.....	31
Figura 7 – Casa com técnica construtiva em enxaimel no centro de Estrela.....	31
Figura 8 – Capa do livro <i>Familien kalender</i>	36
Figura 9 – Mapa com indicação das colônias oficiais criadas até 1860 no Rio Grande do Sul.....	41
Figura 10 – Mapa do Rio Grande do Sul, indicando o avanço das paróquias Católica e luterana entre 1874 e 1914.....	49
Figura 11 – Mapa atual com indicação de algumas das igrejas católicas em Estrela.....	51
Figura 12 – Primeira igreja em Novo Paraíso.....	52
Figura 13 – Igreja São Vito em Novo Paraíso.....	54
Figura 14 – Monumento ao lado da igreja católica de Novo Paraíso.....	55
Figura 15 – Igreja luterana em Novo Paraíso (1863/1893/1926).....	56
Figura 16 – Monumento ao lado da igreja luterana em Novo Paraíso.....	57
Figura 17 – Primeira igreja em Arroio do Ouro.....	58
Figura 18 – Igreja atual no centro de Estrela.....	59
Figura 19 – Área central de uma picada teuto-brasileira: o caso de Delfina/Estrela.....	61
Figura 20 – Igreja atual em Glória.....	62
Figura 21 – Mapa de Estrela de 1922.....	71
Figura 22 – Mapa atual do município de Estrela.....	72
Figura 23 – Exemplo de modelo similar à plataforma desenvolvida.....	73
Figura 24 – Página inicial da plataforma digital: Entre mapas e Memórias: as igrejas de Estrela/RS.....	74

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Sociedade da Colônia Estrela em 1860.....	42
Quadro 2 – Picadas em Estrela no ano de 1922.....	47
Quadro 3 – Igrejas, datas de construção e localização.....	50
Quadro 4 – Formulário enviado a professores.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Área de atuação dos professores que responderam o questionário.....	78
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Problema de pesquisa.....	15
1.2 Objetivos.....	15
1.3 Recortes temporais, espaciais e conceituais.....	15
1.4 Considerações teóricas.....	16
1.5 Metodologia.....	18
1.6 Fontes.....	19
1.7 Estrutura do trabalho.....	19
2 MEMÓRIA SOCIAL DOS TEUTO-BRASILEIROS NO SUL DO BRASIL.....	21
2.1 Entre espaços e práticas: a memória da colonização germânica em Estrela/RS.....	21
2.2 Memória social como um problema de pesquisa.....	29
2.3 Discutindo a manutenção do <i>Deutschtum</i>	32
3 AS IGREJAS DE ESTRELA COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA: ONTEM E HOJE.....	38
3.1 A formação de Estrela: apontamentos sobre a colonização germânica no Vale do Taquari.....	38
3.2 Onde as igrejas foram construídas: as picadas.....	44
3.3 Caracterização de igrejas em Estrela (1856-1922).....	48
3.3.1 Igreja católica São Vito/Picada Novo Paraíso (1862).....	52
3.3.2 Igreja luterana/ Picada Novo Paraíso (1862/1863).....	56
3.3.3 Igreja católica Arroio do Ouro (1860/1870).....	58
3.3.4 Igreja católica Santo Antônio (matriz) (1873).....	59
3.3.5 Igreja católica São Pedro/ Delfina (1926).....	61
3.3.6 Igreja Católica São Francisco Xavier/ distrito de Glória (1898).....	62
3.4 O papel das igrejas na memória social de Estrela.....	63
4 ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: UMA PLATAFORMA DIGITAL DAS IGREJAS DE ESTRELA (1856-1922).....	65
4.1 Memória, cartografia e humanidades digitais: uma abordagem possível.....	65
4.2 O uso de recursos digitais em sala de aula.....	68
4.3 A plataforma como produto final.....	69
4.4 Mapas utilizados.....	70
4.5 Descrição da plataforma.....	72

4.6 Validação da plataforma com o público-alvo.....	75
4.7 Hospedagem virtual e manutenção.....	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação busca problematizar a memória social da colonização germânica em Estrela/RS a partir da compreensão das igrejas católicas e luteranas como espaços de memória. Como produto final, foi realizada uma plataforma digital interativa, por meio da qual são indicadas informações, mapas e registros fotográficos das igrejas construídas quando da colonização deste município (1856-1922).

Buscou-se traçar conexões entre passado e presente de Estrela, do ponto de vista da memória social, a partir do entendimento de que as igrejas, por excelência, são espaços que notabilizam a persistência de múltiplas temporalidades. Sabe-se que, embora a memória seja basicamente um processo interno, sua projeção não se realiza em um vazio: ela precisa de espaço para ser ativada e estimulada, sabendo-se que “lugares concretos, onde se realizam acontecimentos históricos ou práticas cotidianas [...] podem servir como possíveis referências espaciais para a memória” (SEEMANN, 2003, p. 44), neste caso, as igrejas. Essas, como “espaços de memória, podem ser descobertas por meio de suas profundezas simbólicas” (ASSMANN, 2011, p. 319) e, nessa pesquisa, buscou-se traçar o simbolismo destes espaços. “As igrejas eram (e continuam sendo) um importante espaço para as comunidades onde estão inseridas, pois na carência fundamental humana de locais sagrados, são locais associados a milagres, reparações, curas e renovações espirituais de toda a ordem” (ASSMANN, 2011, p. 324). Muitas vezes o “espaço é visto como espaço externo e absoluto, e não como associado ao mundo humano” (SEEMANN, 2003, p. 44).

Dessa forma, busca-se relacionar os espaços (igrejas) à construção da memória social sobre a colonização germânica. As igrejas, afinal, continuam sendo lugar de práticas religiosas e se mantiveram no cenário social como um espaço ritualístico religioso, mas também como a centralidade para outras práticas sociais que se modificam com o tempo, como batismos, velórios e encontros comunitários diversos. Nesse sentido, oportunamente reporta-se a um breve histórico da colonização germânica em Estrela, no sentido de caracterizar e justificar as igrejas como espaços de memória para a realização desta pesquisa.

Localizado no Vale do Taquari, zona central do estado do Rio Grande do Sul, o município de Estrela possui laços de memória e de identidade expressivos no que diz respeito à colonização germânica¹. Atualmente, Estrela possui uma população estimada de

¹ No presente trabalho utiliza-se o termo “germânico/germânica”, visto que a unificação da Alemanha só ocorreu em 1871 e, nesse sentido, a expressão “imigração alemã” não é totalmente plausível no recorte temporal proposto.

34.116 habitantes², distribuídos em treze bairros e quatro distritos em um território de 118,963 Km². Todavia, foi durante o século XIX, quando se tornou a primeira colônia no processo imigratório europeu da região do Vale do Taquari (1856) e a décima do estado do Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969, p. 9), “que a localidade percebeu algumas de suas mudanças territoriais e populacionais mais significativas, tendo sido emancipada de Taquari em 20 de maio de 1876”.

Habitada inicialmente por posseiros e grupos indígenas, a sub-região Alto Taquari passou a integrar o processo de colonização por imigrantes germânicos e descendentes por meio das colônias particulares que se estabeleceram a partir de 1850. Um dos aspectos mais notáveis desse processo foi, justamente, a existência de igrejas protestantes e católicas, cuja localização esteve alinhada com a própria ocupação territorial da localidade, que se deu por meio das chamadas picadas³, nome dado aos primeiros lotes de terras para colonização alemã (BLUME; WITT, 2014). Nesse sentido, é oportuno registrar a importância, do ponto de vista da memória social, da existência de igrejas e das localidades que ocupam como espaços de memória.

“Assim como a memória é um fenômeno que não se mantém sempre igual, o mesmo acontece com a identidade, que é uma construção” (BALLER, 2006, p. 22). Quando há uma tendência para o desaparecimento das mediações simbólicas (ritos e rituais) que regulam as interações, a existência de espaços públicos é posta à prova. “A sensação de perda de referências e o desligamento com o passado, diante da “aceleração do tempo”, levam à necessidade de aproximação e à recuperação desse passado” (NORA apud MONASTIRSKY, 2009, p. 325).

Não é o passado que é reconstruído a partir do presente, e sim a consciência do passado, por isso, é necessária uma conexão com o passado a partir da consciência, das memórias experimentadas no passado; no caso da presente pesquisa, representadas pelas igrejas (VIANA, 2006). Dessa forma, compreendem-se as igrejas, aqui, como o resultado da ação e da interação social dos moradores de Estrela, conectando passado e presente. “Sua importância, considerando sua potencialidade de aproximar as pessoas do contexto histórico da colonização de Estrela” (CASTRO, 2002, p. 61) deve ser, entretanto, ponderada. Isso

² IBGE/2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/estrela>

³ A picada é a forma básica de penetração na floresta subtropical, na qual se busca abrir com os instrumentos disponíveis vias, ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados. Na demarcação dos lotes, obedeciam-se a critérios de natureza topográfica. Numa das extremidades, o rio ou seu afluente servia de limite. O lote estendia-se encosta acima até encontrar-se com outro que subia de outro vale. Nos topos dos morros ficava localizada a linha, picada ou travessia. A geografia determinava, assim, o tamanho de cada uma das comunidades humanas que se estabeleciam (DREHER, 2005, p. 15).

devido ao jogo de memórias no qual estão envoltas, que aqui não é desconsiderado. As igrejas não fazem sentido para toda a comunidade estrelense, pois existem múltiplas crenças envolvidas, e o sentido de pertencimento às comunidades luteranas e católicas não é universal. Por outro lado, a memória social da colonização germânica em Estrela não está restrita aos grupos sociais que a reconhecem e a legitimam, mas se confunde com a própria “memória oficial” do município (POLLAK, 1989) à custa da exclusão de outros grupos étnicos⁴.

Nesse sentido, a escolha por igrejas católicas e luteranas se deve mais à centralidade social que essas edificações possuem no processo de espacialidade social da colonização germânica e muito menos às especificidades que cada liturgia representa. A ênfase que é dada às igrejas está mais relacionada com o espaço do que com a questão religiosa. Segundo Stocker Jr. (2019, p. 13), “as igrejas e as escolas confessionais se expressam na paisagem como elementos difusores não apenas da fé, mas também dos ideais de germanidade e que reforçava a vinculação de uma comunidade étnica com o seu território”, ou seja, as construções das igrejas permitem de certa forma “materializar” os primeiros espaços ocupados em Estrela e que são resquícios da colonização.

A partir da experiência do autor como docente do componente curricular de História nos níveis de ensino fundamental e médio, foi possível apontar a importância do uso de recursos digitais interativos como forma de aproximar os alunos da história e da memória de cidades. Embora tenham sido localizados estudos sobre a história local do Vale do Taquari e de Estrela⁵, esses não são acompanhados de recursos didáticos para difusão junto às escolas da região. Nesse sentido, buscou-se elaborar uma plataforma digital sobre o município de Estrela, por meio da qual serão apresentadas as igrejas construídas no processo de espacialização da colonização e da imigração.

Como professor, o autor desta dissertação acredita que o momento atual, mediante a modalidade de ensino chamado de híbrido e remoto que se impôs aos docentes devido à pandemia Covid-19 e que os obrigou a se familiarizar com aulas virtuais nas diferentes etapas da educação, seja no ensino fundamental, no médio e no acadêmico, será positivo. Como

⁴ Sobre outras etnias que compõem o município de Estrela, consultar: PIRES, Karen Daniela. “O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari e Santo Amaro/RS - final do séc. XIX, 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 20 dez. 2016. VEDOY, Moisés Ilair Blum. “Contatos interétnicos: sesmeiros, fazendeiros, imigrantes alemães e indígenas Kaingang em territórios das bacias hidrográficas do Taquari-Antas e Caí”, 2015. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, jul. 2015.

⁵ Se tratando da história do município de Estrela, as obras são: HESSEL, Lothar. *O município de Estrela*. Ed. Martins Livreiro, Porto Alegre, 1983. SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: ontem e hoje*, Lajeado: O autor, 2002. GREGORY, Josemir José. *Fazenda da Estrella: um estudo de caso envolvendo posse territorial e negociações no sul do Brasil durante o século XIX*: Univates, Lajeado, dez. 2015.

menção Franco (2013, p. 13), “face à complexidade e à diversidade das novas formas de aprender na sociedade da informação e do conhecimento, devem ser (re)considerados os modelos pedagógicos tradicionais que estão centrados no professor”; nesse sentido, o momento atual, com a experiência docente em fase de distanciamento social e que fez com que muitos professores buscassem novos recursos, principalmente os digitais, pode ser visto como uma oportunidade para uma mudança benéfica na educação.

Porém essa transição do método tradicional no processo de ensino-aprendizagem, conforme Franco (2013, p. 12), “para outro mais próximo da realidade é gradual: o *modus operandi* tradicional de alguns professores demora algum tempo a se alterar e a integrar novas estratégias educacionais”. É importante enfatizar que a “tecnologia não deve dominar o processo educativo, mas sim complementá-lo e adaptar-se às necessidades do ensino aprendizagem” (FRANCO, 2013, p.13).

1.1 Problema de pesquisa

Com base nas informações apresentadas anteriormente, a presente dissertação esteve norteada pelo seguinte problema de pesquisa: quais elementos permitem identificar as igrejas de Estrela/RS como espaços de memória da colonização germânica no Vale do Taquari?

1.2 Objetivos

A partir desse problema definiu-se como objetivo geral analisar, do ponto de vista da memória social, as igrejas que remontam ao período de colonização de Estrela/RS (1856-1922) como espaços de memória da imigração germânica no Vale do Taquari. O objetivo principal se desdobra em objetivos específicos, que são:

- a) Mapear de que forma a construção das igrejas esteve relacionada com a abertura das picadas;
- b) Especificar elementos (arquitetônicos, simbólicos, de epitáfios, etc.) presentes nas igrejas que apontam para a sua centralidade como espaços de memória no contexto em análise;
- c) Inferir sobre o papel das igrejas na formação espacial e identitária de Estrela;
- d) Identificar, por meio da plataforma digital interativa, as picadas e as igrejas que foram construídas no município de Estrela no período de colonização germânica.

1.3 Recortes temporais, espaciais e conceituais

Optou-se, no decorrer da realização da pesquisa, estabelecer um recorte temporal para delimitar a pesquisa, e este se dá exclusivamente por dois motivos principais: o ano de 1856 está vinculado à criação da colônia Estrela; já a escolha do ano estipulado como final, 1922, é devido a um critério documental e bibliográfico. Trata-se da datação do único mapa encontrado até o momento⁶ do município e que, por esse motivo, ganhou relevância central no trabalho. Além disso, o início do século XX denota, conforme Roche (1969), o fim da terceira fase de colonização germânica para o RS, embora imigrações espontaneístas tenham perdurado por muitas décadas. É importante enfatizar que serão consideradas apenas as igrejas que se encontram atualmente no município de Estrela, visto que algumas delas pertencem, hoje em dia, a cidades vizinhas emancipadas ao longo do tempo, como Colinas, Imigrante, Teutônia e Westfália. A paróquia católica de Estrela, além de contemplar municípios que se emanciparam da cidade, também atendia municípios que nunca fizeram parte do seu território. A paróquia compreendia “os atuais municípios de Estrela, Lajeado (com Arroio do Meio), Guaporé, Bento Gonçalves, Garibaldi, parte de Caxias do Sul (sendo desmembrado o território à direita do rio Taquari da paróquia de Santo Amaro e o da esquerda do rio Taquari do de São José do Taquari)” (SPOHR, 2018, p. 17).

Além do recorte temporal, também é pertinente compartilhar os recortes conceituais adotados. “Optou-se por utilizar o termo “colonização” no lugar de “imigração”, tendo em vista o sistema de localização dos imigrantes em pequenas propriedades agrupadas em núcleos” (PRADO JR, 1976, p. 141) e o papel que desempenharam como colonizadores.

Já o conceito “germânico”, em vez de “alemão”, como já vimos, se deve ao fato de a Alemanha ter se tornado um Estado unificado apenas em 1871, ou seja, após a imigração para o Brasil ocorrer na fase considerada neste trabalho. Além disso, como será possível visualizar na lista dos imigrantes que chegaram a Estrela, muitos vieram da Prússia e da Baviera, estados germânicos que não pertenciam ao que se conhece, atualmente, como Alemanha. Quando o assunto abordado for à memória social, que é sempre a partir do tempo presente, optou-se pelo termo “teuto-brasileiro”⁷.

⁶ Foram pesquisados mapas na Prefeitura Municipal de Estrela junto ao setor de planejamento, AHRS e Museu histórico Visconde de São Leopoldo/São Leopoldo.

⁷ A construção de uma identidade teuto-brasileira se dá fundamentada na valorização da cultura e da etnia alemã combinada com a condição de cidadania brasileira. (STOCKER JR, 2019, p. 91).

1.4 Considerações teóricas

É relevante iniciar as considerações teóricas conceituando a relação entre espaço e memória, binômio muito importante nessa pesquisa.

Se entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação inteiramente acidental e efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seus quarteirões e sua cidade e reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens (HALBWACHS, 2006, p.136).

A memória, portanto, “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Já o espaço “é tudo, porque o tempo não mais anima a memória, e é pelo espaço que o inconsciente estagia. O espaço chama a ação, e antes da ação, a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra” (BACHELARD, 2005, p. 203).

Existe um crescente aumento de interesse acadêmico pelas identidades culturais e pela reconstrução do passado que faz com que as pesquisas sobre a memória se tornem um tema interdisciplinar, abrangendo vários campos, “como antropologia, sociologia e psicologia, assim como outros espaços” (SEEMANN, 2003, p. 44). “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9). Ocorre uma convergência para a supressão das mediações simbólicas (ritos e rituais) que proporcionam as interações, é posta à prova a existência de espaços públicos. A percepção de perda de referências e a segregação com o passado, perante a “aceleração do tempo”, induzem à necessidade de aproximação e a recuperação do passado (NORA apud MONATIRSKY, 2009). Nesse sentido, registra-se “a importância das igrejas, considerando-se sua potencialidade de aproximar as pessoas do contexto histórico da colonização de Estrela” (CASTRO, 2002, p. 61).

Não é o passado que é reconstruído a partir do presente, e sim sua consciência, por isso, é necessária uma conexão entre ambos a partir da consciência, das memórias experimentadas no passado, que são, no caso da presente pesquisa, representadas pelas igrejas (VIANA, 2006, p. 8). Seemann (2003) menciona que pensar no lugar significa criar vínculos mais afetivos e subjetivos, do que racionais e objetivos, entre as pessoas e o espaço, no passado e no presente. Nesse sentido, compreendem-se as igrejas, que são os objetos de estudo dessa pesquisa, como um resultado da ação e da interação social dos imigrantes germânicos e de seus descendentes.

1.5 Metodologia

A seguinte dissertação trata de uma pesquisa de cunho social, por meio da qual se pode obter novos conhecimentos acerca da realidade social. Os fatos sociais dificilmente podem ser tratados como coisas, pois “são produzidos por seres que sentem, pensam, agem e reagem, sendo capazes, portanto, de orientar a situação de diferentes maneiras, assim como as ações do pesquisador” (GIL, 2008, p. 24). É importante ressaltar que sempre existe intencionalidade nos estudos, e as intenções buscadas pelo autor ao realizar uma pesquisa estão expostas nos objetivos em que se fundamentam suas pesquisas. Na pesquisa de cunho social, “são abordadas as instituições sociais, as áreas de cooperação e conflito e os problemas sociais. Todas as variedades das relações humanas estão incluídas no total dos problemas enfocados pela pesquisa social” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 4-5).

A abordagem utilizada classifica-se como qualitativa, a qual busca produzir resultados não alcançados por meio de procedimentos estatísticos ou por outros meios de quantificação (STRAUSS; CORBIN, 2008). “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, não podendo ser quantificado” (MINAYO apud GERHARTD; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Quanto à natureza, a pesquisa é aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para a solução de problemas específicos e envolve verdades e interesses locais (GERHARTD; SILVEIRA, 2009, p.32). Optou-se por essa natureza, pois se trata de um estudo local; não se pode aplicar o mesmo a todas as culturas, ou seja, a construção das igrejas no processo de ocupação/colonização é uma prática que está vinculada aos imigrantes germânicos no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Em termos de objetivos, trata-se de uma investigação exploratória, com uma abordagem de enfoque descritiva, baseada tanto em “fontes documentais primárias (mapas de documentos sobre imigração) quanto registros produzidos pelo autor (fotografias e visitas *in loco* das igrejas). Também presente nesta pesquisa está a metodologia observacional, para a compreensão algo que já aconteceu, ou acontece” (GIL, 2008, p. 16).

Nos procedimentos foi utilizada pesquisa documental e bibliográfica, principalmente no que diz respeito à memória, cartografia, humanidades digitais e imigração. A pesquisa é de caráter interdisciplinar, visto que mobiliza conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 7). Ainda, é “possível enquadrar a pesquisa como histórica, pois envolveu quatro diferentes aspectos: investigação, registro, análise e

interpretação de fatos ocorridos no passado, para, por meio de generalizações, compreender a construção da memória social no presente” (BEST apud LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 6).

1.6 Fontes

O caminho percorrido para alcançar o produto final foi a investigação e a pesquisa sobre a história das igrejas que remontam a 1856-1922, por meio de dois tipos de fontes escritas (LAKATOS; MARCONI, 2013 p. 49): as primárias, que são os documentos consultados e que compõem o Arquivo Histórico do estado do Rio Grande do Sul, localizado em Porto Alegre, e que são relacionados à colonização/imigração, além do mapa de 1922 e fotografias realizadas pelo autor; as secundárias, que são as fontes bibliográficas. Essas estão listadas nas referências, divididas em dois tópicos: bibliográfico e documental⁸.

Sequencialmente, o caminho metodológico para obter respostas ao problema da pesquisa será a investigação de elementos presentes nas igrejas selecionadas que forneçam dados para pensá-las como espaços de memória. Tais dados serão compilados junto às fotografias para constar na plataforma (capítulo 3). Adicionalmente, a metodologia envolve a familiaridade com a manutenção e a criação da plataforma a partir de ferramentas digitais (capítulo 4).

1.7 Estrutura do trabalho

O presente trabalho é composto por cinco capítulos. O capítulo introdutório apresenta o tema, os objetivos, o problema da pesquisa, a metodologia, o produto final, além de algumas considerações teóricas que nortearam a pesquisa. O capítulo dois, intitulado “Memória social da colonização germânica no sul do Brasil”, visa a introduzir o tema memória social da colonização germânica no Vale do Taquari/RS (município de Estrela). Para isso, a bibliografia sobre o tema é revisitada, bem como é apresentada uma pesquisa exploratória sobre locais e práticas que compõem o “quadro de memória” do município na atualidade.

O terceiro capítulo, chamado “As igrejas de Estrela como espaços de memória: ontem e hoje”, aborda as igrejas de Estrela como espaços de memória, enfatizando as conexões entre os tempos passado e presente a partir de sua análise do ponto de vista da memória social. Tais

⁸ No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, **Colônias**. Caixa 31, estão documentos como o registro de fundação da Colônia Estrela (1856), bem como a lista das primeiras 45 famílias que se instalaram no município a partir da sua data de criação e dados como o número, sexo, idade e religião dos integrantes da família, entre outras informações.

espaços são caracterizados conforme informações obtidas em fontes primárias e visitas *in loco* realizadas pelo autor. Além disso, versa sobre a imigração no município de Estrela, contextualizando as diferentes nacionalidades que aportaram na região a partir de 1856, data de criação da Colônia Estrela, pertencente na época ao atual município de Taquari, bem como quais foram as formas encontradas pelos imigrantes para constituir uma nova identidade devido à nova realidade social imposta.

Já o capítulo quatro, “Entre mapas e memórias: uma proposta de plataforma digital das igrejas de Estrela (1856-1922)”, apresenta o produto final, ou seja, descreve a plataforma digital interativa, tanto do ponto de vista metodológico quanto de seu conteúdo. A plataforma apresenta quais os espaços que foram sendo ocupados seguindo uma ordem temporal-cronológica, sendo que as igrejas são uma das evidências da ocupação das denominadas “picadas” desde o início da colonização de Estrela. Por fim, o último capítulo trata das considerações finais da pesquisa.

2 MEMÓRIA SOCIAL DOS TEUTO-BRASILEIROS NO SUL DO BRASIL

Sabe-se que a ocorrência propriamente dita da colonização em Estrela não explica totalmente a manutenção de uma memória da colonização germânica no Município. Foram inúmeros fatores, suportes e interesses combinados e constantemente reelaborados que contribuíram para que uma memória pró-germanidade prevalecesse sobre a de outros grupos étnicos que residem na região do Vale do Taquari e possibilitam que seja colocada em discussão a ocorrência, ou não, do *Deutschtum*⁹ na localidade.

O presente capítulo discutirá, portanto, alguns espaços e práticas no Município, citando brevemente alguns monumentos, festividades e outros símbolos que contribuem para a problematização da memória social da colonização germânica no município, além das igrejas.

2.1 Entre espaços e práticas: a memória da colonização germânica em Estrela/RS

Com base nesse lastro introdutório, apresenta-se o quadro da memória social (HALBWACHS, 2006) de Estrela, identificando-se alguns dos espaços e das práticas que buscam estar associados à memória da colonização germânica no município. “É perceptível nesses espaços de reprodução de memória, uma forte preocupação com a expressão e afirmação de representações associadas à identidade étnica” (MEYRER; NEUMANN; GEVEHR, 2016, p. 410).

De imediato, identifica o monumento chamado “*Chuck e Ruth*”¹⁰ (similar ao monumento “*Fritz e Frida*”, em Santa Cruz do Sul/RS), localizado às margens da BR 386, no trevo de acesso ao município de Estrela. Trata-se do monumento de um casal de imigrantes segurando um copo de cerveja e uma linguiça, com vestimenta típica de origem bávara. Tal monumento busca uma identificação com a cultura germânica, ainda que de forma estereotipada e restritiva, a exemplo de outros monumentos similares localizados no Vale do Taquari, como em Teutônia e Forquetinha.

⁹ *Deutschtum* trata de um projeto global de comunhão nacional baseado em narrativas nacionalistas, étnicas e linguísticas centradas na lealdade a uma imaginada cultura alemã homogênea.

¹⁰ O nome masculino é originado no chucrute, um prato típico alemão, à base de repolho fermentado.

Figura 1 – Monumento Chuck e Ruth



Fonte: Blog do Airton, 2020.

Um segundo exemplo a ser citado é o pórtico da cidade, remetendo ao enxaimel, técnica construtiva que, embora seja bastante heterogênea e difundida em toda a Europa, convencionou-se estar associada à presença germânica no Brasil, com certo objetivo de anunciar a presença imigrante no local.

Figura 2 – Pórtico de entrada do município de Estrela



Fonte: Blog do Airton, 2019.

Outro exemplo é o obelisco em comemoração ao centenário da imigração em Estrela, localizado na praça central da cidade. Conforme Stocker Jr. (2019, p. 117), “o processo de construção de monumentos que visavam a perpetuar a germanidade teuto-brasileira se deu de forma bem tumultuada, em contexto de tensão social e política, logo após a 1ª GM (1914-1918), em que Alemanha e Brasil estavam de lados opostos”. Bakos et al., (2004, p.197) cita que os “obeliscos são monumentos erigidos para uma comunidade a fim de comemorar ou relembrar as futuras gerações de *eventos, sacrifícios, práticas e crenças*”. As autoras (2004, p. 197) mencionam que “os obeliscos brasileiros, norte-americanos e argentinos foram suportes para o registro de fatos históricos, ao lembrar, para quem a história pode se fazer com *palavras e sinais*, mas, também, com *paisagens e telhas*”.

Figura 3 – Obelisco em homenagem ao centenário da imigração alemã no Brasil



Fonte: O autor, 2020.

Em uma edição especial em comemoração aos 190 anos da imigração alemã do jornal Folha de Estrela, datado de 25 de julho de 2014, foi publicado o discurso proferido na

inauguração do obelisco acima ilustrado. O discurso originalmente escrito em alemão foi traduzido para o português para ser publicado no jornal. Foi realizado por Leo Joas, nascido em Walkertshofen, na Baviera em 1895 e que, em 1922, formou-se em Educação física, e no ano de 1923 chegou a Estrela. “Ele foi recrutado para trabalhar na sociedade ginástica de Estrela (Soges), antes conhecida como *turnverein*, onde exerceu suas atividades até 1943. Faleceu em 1949, conforme consta no jornal Folha de Estrela” (2014, p. 7).

Abaixo, trechos do discurso de Leo Joas, no dia da inauguração do obelisco, realizado no dia 25 de julho de 1924:

Mulheres brasileiras e concidadãos!

Camaradas do povo alemão!

Querida Juventude!

O dia 25 de julho é a data que cada ano lembra a imigração alemã. Esta data foi instituída solenemente como feriado estadual durante o governo de sua excelência, o General Flores da Cunha. Assim este feriado reúne hoje todos aqui: Jovens e velhos, brasileiros de descendência alemã e alemães do reino alemão, sem diferença entre as diversas posições sociais ou religiosas.

Vamos todos celebrar este dia como sendo o maior dia de homenagem aos alemães neste país.

Com gratidão, nos lembramos de nossos antepassados que um dia, há 100 anos passados vieram da Alemanha para o Rio Grande do Sul, sendo assim os primeiros alemães que chegaram às margens do Rio dos Sinos. Aqui se instalaram e agiram com incrível tenacidade e perseverança. Mas também com uma fé inabalável em Deus e com uma firme confiança em si mesmos iniciaram a dura tarefa, de transformar a mata virgem e o agreste selvagem em uma pátria para si e para nós.

Se nós hoje ouvimos da boca de políticos e escritores famosos deste país, exaltarem a colonização alemã como um fator principal para o desenvolvimento do Brasil, então isto deixa os nossos corações mais alegres. Nosso sangue circula mais rápido, lembrando com justo orgulho o sucesso dos esforços alemães, atividades permanentes e eficazes, sua sabedoria e seu conhecimento operacional.

Para cada um que quiser ver, aí está a benção que paira sobre o trabalho alemão realizado, visível sobre a cidade e país.

[...]

Casas acolhedoras, igrejas majestosas, escolas e clubes de recreação, terras plantadas, grandes casas comerciais e escritórios, chaminés de fábricas expelindo fumaça, estes todos são testemunhos do esforço, realização e da capacidade alemã.

[...]

Por isto, se nós hoje vamos depositar uma coroa no Monumento da Imigração Alemã, fazemos isto em grata lembrança à nossos pais que começaram aqui. Também o fazemos para as próximas gerações que darão continuidade a esta tarefa. Agora caberá a nós, nos mostrar dignos deste legado que recebemos dos nossos pais, o que eles de mais sagrado tinham: nosso jeito de ser alemão, nossa maneira de conservar e promover estas propriedades.

[...]

Muitos talvez um dia, se farão amargas acusações que eles não tenham transmitido a seus filhos o legado recebido de seus pais: a língua materna alemã. Talvez os acusadores serão os seus próprios filhos, por terem sido traídos pelos pais.

[...]

Ensinem seus filhos a rezar para Deus em língua alemã e conversem durante as refeições em família em alemão com eles.

[...]

Não nos queremos responsabilizar em perder nossos costumes, a língua alemã e nosso jeito de ser, pois assim nos tornaríamos cidadãos sem referências que em nada serviriam ao Brasil.

[...]

Assim, meus queridos compatriotas, vamos festejar este dia: "Para honra dos pais, a nós como defesa aos nossos filhos, como ensino" SALVE. (JORNAL Folha de Estrela, Ano 16, nº 778, 25 de julho de 2014).

Por meio do discurso, é possível inferir o orgulho por ser alemão, bem como a necessidade de mencionar que esse povo é responsável pelo desenvolvimento do país, e que a não manutenção da língua alemã seria uma traição à pátria-mãe, assim como os costumes. O próprio modo como tem início o discurso, em como o brasileiro é citado e, em seguida, se utiliza o termo camaradas, quando se refere aos alemães, indicando intimidade e vínculo com a pátria-mãe. Atualmente, o dia 25 de julho é feriado destinado ao colono e ao motorista nas áreas relacionadas à colonização alemã, substituindo o antigo feriado a imigração alemã.

Além dos monumentos citadinos, existem no comércio de Estrela alguns espaços com nomes que remetem à germanidade. Este é o caso da *Sorvehaus* (casa do sorvete), uma sorveteria que está localizada na área central, também, da *Brodhaus* (casa do pão), que se trata de um mercado e padaria, também no centro da cidade. Cabe citar, também, algumas práticas e festividades em alusão à imigração germânica no município. Em Estrela, existe o "Festival do Chucrute", cuja atração principal é um grupo de danças germânicas que no ano de 2019 comemorou seu 54º evento que ocorre junto às comemorações de emancipação do município em dois finais de semana com o tradicional baile "típico". Para Nicolini (2012, p. 79), o "festival do Chucrute em Estrela se diferencia das demais feiras e festividades que acontecem no Vale do Taquari por não ser promovida pela administração pública nem pela privada, pois foi criada e é mantida pelos próprios membros da comunidade".

Pode-se citar, igualmente, um roteiro turístico intitulado "Delícias da Colônia" que contempla, igualmente, os municípios vizinhos de Imigrante e Colinas. No site da Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (AMTURVALES, 2019) consta que "nos passeios, os visitantes contemplam desde as pastagens aos casarios da época, passando por

locais que exaltam a gastronomia típica e a hospitalidade interiorana”¹¹, ou seja, busca-se remeter a uma vida social harmonicamente construída ligada às origens da imigração na área.

Além dos espaços e práticas em Estrela, em alguns municípios vizinhos há outros espaços que remetem à imigração germânica. Em Lajeado, por exemplo, foi construído e inaugurado no ano de 2002 o *Deutscher Kolonie Park* (Parque colonial alemão), conhecido como Parque Histórico de Lajeado, que se trata de um local que conta com 24 edificações, como escola, salão de baile, ferrovia e moinho, se tratando da maior coleção arquitetônica construídas genuinamente em técnica enxaimel pelos imigrantes alemães e descendentes entre 1860 e 1910. No ano de 2019, Lajeado teve sua primeira edição da *Oktoberfest*, muito similar ao festival do Chucrute em Estrela. A *Oktoberfest* é uma festividade muito comum nas colônias de origem alemã, entre as quais pode-se citar Santa Cruz do Sul/RS, Igrejinha/RS, Blumenau/SC.

Em Forquethinha, outro município próximo a Estrela (24 Km) e que se emancipou recentemente, em 1996, é outro exemplo com vários espaços que remetem ao germânico. São espaços com técnica construtiva enxaimel e nomes como *Pizzahaus* (casa da pizza) e o monumento ao imigrante alemão. Poderia citar outros exemplos de espaços e práticas em municípios como Teutônia, Westfália, Colinas, entre outros.

Figura 4 – Monumento ao imigrante em Forquethinha/RS



Fonte: Website da prefeitura municipal de Forquethinha, 2020.

¹¹ AMTURVALES, 2019.

No município de Imigrante, 30 km distante do município de Estrela, foi inaugurado no ano de 2019 outro espaço em alusão a imigração, o “Monumento aos imigrantes”, que representa a chegada dos primeiros colonizadores alemães e italianos. No discurso de inauguração, o prefeito do município, Celso Kaplan proferiu que: “Eles trouxeram conhecimento. Dentro de cada mala veio o conhecimento para o nosso futuro” (GOVERNO DE IMIGRANTE, site da prefeitura, 2019).

Figura 5 – Monumento ao imigrante em Imigrante/RS



Fonte: Website prefeitura de Imigrante, 2020.

Os exemplos citados “podem ser caracterizados a partir da “mercantilização da etnia”, processo pelo qual se pretende tornar algo referente a um grupo étnico específico como algo comercializável” (BALLER, 2006, p. 20). Outro exemplo de um processo pelo qual se pretende “mercantilizar a etnia” é a mobilização para a celebração dos 200 anos da imigração germânica no Brasil em 2024 e a proposta de tornar São Leopoldo, juntamente com os municípios de Araricá, Campo Bom, Dois Irmãos, Ivoti, Morro Reuter, Novo Hamburgo, Santa Maria do Herval e Sapiranga, parte do chamado “vale germânico”¹². Por outro lado, repara-se uma contradição, visto que espaços relacionados à imigração germânica, como o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, bem como a Casa do Imigrante, não recebem

¹² JORNAL VS, 2019.

auxílio financeiro para manutenção dos espaços, sendo que em 2019, parte da última construção citada cedeu (KERSCHNER; MATTANA, 2019).

De acordo com Dodebei e Gondar (2005, p. 8), inspirados em Halbwachs, a “memória social é garantida pelos quadros sociais da memória, entendidos como um sistema de valores que unifica determinados grupos familiares, religiosos e de classe, que no caso aqui estudado”, sustentam uma memória celebrativa da imigração germânica em Estrela, sem problematizá-la. Estes elementos são parte integrante da (re)elaboração da tradição dos antepassados, seja através de danças, da gastronomia, da música ou outros elementos que se relacionam ao passado colonial da região. Essa “busca de (re)elaboração das tradições é uma tendência fruto da globalização, que torna cada vez mais acentuada a busca pela reafirmação com seu território” (NICOLINI, 2012, p. 79).

Abreu (1996, p. 9) corrobora que no Brasil, “a partir do projeto modernizador do século XIX, criou-se uma esperança de um futuro melhor por meio da rejeição do passado colonial do país e da abolição de seus vestígios”. Ao longo do século XX, formulações mnemônicas como “São Paulo não pode parar”, “Cinquenta anos em cinco” e “Pra frente Brasil” ilustram uma busca de valorização ao novo e acabam sendo uma justificativa para intervenções feitas na paisagem da *urbe*.

Nessa “floresta de símbolos que é uma cidade, é possível afirmar que os hábitos e tradições de uma comunidade nos dizem e revelam muito sobre “parte” de sua cultura, e no atual contexto de globalização passa a ser mais uma preocupação para aqueles que estudam e ensinam história”. (MEYRER; NEUMANN; GEVEHR, 2016, p. 410).

2.2 Memória social como um problema de pesquisa

A partir dos exemplos citados anteriormente, se concorda com Werle (2018, p. 34) quando corrobora que “a narrativa histórica e a memória social de Estrela está direcionada a três aspectos: 1) ela é sobre a imigração germânica 2) ela é praticamente exclusiva a ela 3) está relacionada a uma determinada forma de ser narrada”. É possível identificar essa narrativa “como histórica conservadora, que reforça os estereótipos construídos pela historiografia tradicional da imigração alemã que, de certa forma, narra o processo de imigração alemã como uma epopeia, cujos heróis, os imigrantes, fossem os responsáveis pelo progresso à região” (MEYRER; NEUMANN; GEVEHR, 2016, p. 417).

A revalorização étnica de municípios de colonização germânica ocorreu após a campanha varguista de nacionalização autoritária promovida entre os anos de 1937-1945 no

chamado período do Estado Novo (período concomitante a 2ª Guerra Mundial), fato que contribuiu para a mudança nos laços identitários dos imigrantes e seus descendentes (WERLE, 2018, p. 346). Para a autora (2018, p. 40), “há um passado erigido pela memória coletiva no que tange à construção de uma identidade étnica germânica que encontra no processo de colonização uma crença de origem comum”.

Nesses termos, a memória social da colonização germânica está associada à revalorização da memória da germanidade no Município após o período de nacionalização obrigatória devem ser acrescidas práticas e interesses por parte da indústria turística, sobretudo a partir de 1990, momento em que observa-se o surgimento de diversos roteiros e espaços voltados à celebração da imigração europeia no Rio Grande do Sul. Essas narrativas foram reforçadas por parte da historiografia, que enquadrrou a questão da memória em termos de “preservação da cultura” ou “perda/descaracterização da cultura germânica” ao abordarem o problema da identidade cultural e/ou étnica (GANS, 2004, p.118).

Porém, mesmo que existam muitos elementos que contribuem para identificação étnica teuto-brasileira em Estrela, ainda que de forma estereotipada, assim como nas demais colônias de origem germânica, tal constatação não está oficializada na dimensão patrimonial, durante muito tempo marcada pela matriz luso-brasileira. Em consulta ao site do IPHAN (Instituto do Patrimônio histórico e artístico nacional), foi constatada a ausência de patrimônios culturais relacionados à imigração alemã no Vale do Taquari. No site do IPHAE (Instituto do Patrimônio histórico e artístico do Estado do Rio Grande do Sul), apenas a prefeitura municipal de Lajeado e o jornal o Taquaryense¹³ estão entre os bens tombados, sendo que ambos remetem ao período republicano e não correlacionam-se com a memória da imigração teuto-brasileira. Os patrimônios culturais associados à cultura teuto-brasileira estão localizados, majoritariamente, no Vale dos Sinos¹⁴, berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul.

¹³ A prefeitura municipal de Lajeado foi tombada no ano de 1984 e o jornal “O taquaryense” no ano de 2013, porém, ambos os bens tombados no Vale do Taquari não possuem vínculo com a colonização germânica. Ambos tombados pelo IPHAE.

¹⁴ Entre os bens tombados relacionados a imigração germânica no Rio Grande do Sul está a Casa da Feitoria Velha (atual Museu do Imigrante) em São Leopoldo, na qual parte da casa desabou no ano de 2019. Em Novo Hamburgo, a casa Schmitt-Presser, inscrita no livro tombo de Belas Artes em 1985. e em 1986, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Seu tombamento está vinculado a sua importância na técnica construtiva enxaimel e também por ser ponto de referência no desenvolvimento socioeconômico por ser uma das “vendas” mais antigas da região. Além do espaço citado acima, no portal do IPHAN consta que em 2015 foi tombada uma área com cerca de 70 imóveis em Novo Hamburgo. Entre os imóveis preservados estão igrejas, um cemitério, e o Parque Henrique Luiz Roessler, conhecido como Parcão, considerado o último lote íntegro da colonização alemã nessa área. Segundo a história local, esse é o primeiro núcleo urbano, gerado pela dinâmica da imigração alemã e isso graças ao patrimônio material e imaterial consolidado ao longo dos anos. (IPHAN, 2019).

Em Estrela, Schnack (2012) realizou um levantamento do Patrimônio arquitetônico na área central e identificou vários prédios históricos, porém apenas dois imóveis dos quarenta e um que foram apontados possuem relação com a imigração alemã: a primeira se trata de uma residência que passou por mudanças na sua estrutura e que no ano do levantamento realizado, em 2010, servia para venda de congelados conforme é possível visualizar na imagem abaixo.

Figura 6 – Casa com técnica construtiva em enxaimel no centro de Estrela



Fonte: Schnack, 2012, p. 98.

Já o segundo caso, exposto na imagem abaixo, possui mais elementos que remetem ao enxaimel, porém, a casa não existe mais, pois foi demolida.

Figura 7 – Casa com técnica construtiva em enxaimel no centro de Estrela



Fonte: Schnack, 2012, p. 185.

Em Estrela, a maior parte do patrimônio relacionado à imigração se concentra na zona rural devido aos lotes que foram disponibilizados aos imigrantes, assim como nas demais

colônias germânicas, e não foi realizado nenhum levantamento com a finalidade de identificar este patrimônio fora da área central. Deve-se levar em consideração que o levantamento do patrimônio na pesquisa de Schnack (2012) não tinha como objetivo identificar o patrimônio relacionado a colonização germânica, e por isso seu recorte espacial foi na área central.

Além disso, há uma questão da própria tradição de patrimonialização no Brasil estar associada à afirmação da nacionalidade como sinônimo de exclusão étnica, vício advindo do período varguista. Para Relly (2016), alguns empecilhos se fazem presentes para concretização do tombamento do patrimônio relacionado à imigração. Podemos citar como barreiras que parte dos espaços de imigração ainda hoje são espaços particulares. Outro fator agravante é que valores como excepcionalidade, monumentalidade e nacionalidade ofuscaram as contribuições das culturas das imigrações e que o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Nacional) órgão criado no ano de 1937 acabou centralizando uma imagem do Brasil predominando o urbano sobre o rural na política da memória, sendo que o patrimônio histórico da imigração se concentrou principalmente no espaço rural, agrário e familiar.

2.3 Discutindo a manutenção do *Deutschtum*

O termo *Deutschtum* significa, em tradução literal, germanismo. Mais do que o significado dicionarizado, interessa pensar aqui tal termo como um conceito - por vezes aplicado como um projeto - de proporções globais que “envolve a ideia de conservação de caracteres culturais, raciais e sociais dos grupos de origem germânica” (WILLEMS, 1940, p. 141). Nesses termos, para definir germanismo – *Deutschtum* - é necessário compreender o conceito de *Volkstum* (SEYFERTH, 1982, p. 45, 46):

Volkstum expressa a etnia de um indivíduo e não diz respeito ao seu local de nascimento. É a ascendência (sangue), a cultura e a língua de um indivíduo. É a essência de um povo ou raça. *Deutschtum* é a *Volkstum* alemã, germanismo ou germanidade, a essência da Alemanha, representando o mundo teutônico. *Deutschtum* engloba a língua, a cultura, o Geist (o espírito), a lealdade à Alemanha, enfim, tudo que está relacionado com ela, mas como nação e não como estado. Representa a solidariedade cultural e racial do povo alemão. [...] o *Deutschtum* traz consigo a ideia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país. Nesse sentido a nacionalidade e a cidadania não se misturam e não se completam. A nação é considerada fenômeno étnico-cultural e, por essa razão, não depende de fronteiras; a nacionalidade significa a vinculação a um povo ou raça e não a um estado. A cidadania, sim, liga o indivíduo a um estado e, portanto, expressa a sua identidade política. Mas a cidadania não alemã em nada impede que um descendente de alemães seja fiel à nacionalidade que herdou dos seus antepassados.

Desde o início de sua instalação em território brasileiro, os grupos de imigrantes preocuparam-se com a preservação da memória, tanto familiar quanto coletiva e estava presente na fundação de associações culturais. (MEYRER; NEUMANN; GEVEHR, 2016, p. 413). Nesse sentido, o *Deutschtum* foi um elemento articulador da identidade germânica tanto na própria Alemanha pós-unificação, tanto em práticas e espaços que pretendiam requerer vínculos identitários germânicos. Trata-se, portanto, de um projeto socialmente construído conforme diferentes interesses, que podem variar de casos políticos, como caso do nazi-fascismo, ou da formação de comunidades imigrantes nas Américas.

Conforme Schulze (2014), o imaginário do colono alemão para manter suas características do país de origem, repousa na crença de que eram um povo superior:

A germanidade deveria permanecer pura para que o povo alemão, supostamente um povo elevado, pudesse cumprir sua missão cultural no Brasil como povo colonizador e ser economicamente útil ao Império alemão. De acordo com esse pensamento, a mistura tanto racial quanto cultural com brasileiros ou a perda de supostos costumes e características alemães ou da língua germânica não eram desejadas. A assimilação, foi chamada então de abasileiramento. (SCHULZE, 2014, p. 5).

As nacionalidades foram as principais diferenças existentes entre os primeiros colonos que se instalaram no município de Estrela, mas como colônia que enquanto puramente agrícola, permaneceu pouco acessível a influências culturais brasileiras (VOIGT, 2007, p. 200). É importante ressaltar que não podemos equiparar todos os imigrantes a uma específica identidade e aplicar o mesmo conceito a todos, pois a imigração se deu em diferentes fases (algumas vezes de forma paulatina e em outras mais rápidas) e em alguns casos, a formação da identidade não foi de forma similar. Nesse sentido, pode-se citar o “conceito de assimilação social a uma perda inicial das características anteriores e a adoção de novas características, semelhantes ao novo meio ou a nova nacionalidade” (WILLEMS apud VOIGT, 2007, p. 191). A assimilação é um processo sociocultural e bilateral, prevalecendo alguns padrões de um grupo social onde ocorre “reajustamento de personalidade” (VOIGT, 2007, p. 191).

Entre os imigrantes que passaram a incorporar costumes que antes não eram praticados durante o processo de aculturação e assimilação e que se encaixa no conceito de teuto-brasileiro se aplicam ao “alemão novo” conceitos como alemão batata e galego, apelidos comuns até hoje (WILLEMS apud SEYFERTH, 2002, p. 16). Durante a campanha de nacionalização (1930-1945) os termos “alemão batata”, “galego” e, ainda, “alemão de merda” foram utilizados para definir todos os imigrantes como “alienígenas”, “estrangeiros” e por

isso se fazia necessário erradicar o que tivesse vínculo com estes (SEYFERTH, 2002, p. 17). Atualmente, se utiliza o termo alemão batata quando alguém pronuncia algo no dialeto alemão de forma errada e, conforme Voigt (2007, p. 195) as mudanças¹⁵ e permanências do idioma estão entre os principais indicadores da assimilação e que são notáveis na família, religião, economia, educação, direito e política.

A noção de que os imigrantes/migrantes pertenciam a uma mesma comunidade, fosse a partir dos laços de amizade ou familiares levou os colonos a promoverem o surgimento de várias associações em Estrela, cujo objetivo, em princípio, foi a manutenção de uma herança cultural, o que se deu, principalmente, a partir das construções das igrejas, e em seguida, de instituições vinculadas à cultura, como clubes de tiro, corais, grupos de danças folclóricas, entre outros aspectos perceptíveis até os dias atuais. “No campo religioso, a religião luterana fazia com que o grupo alemão se diferenciasse e chegasse a formar um subgrupo com ligações mais fortes na preservação do *Deutschtum*” (WILLEMS apud RANZI, 2000, p. 248), algo que acontece em Estrela ainda nos dias atuais, pois o festival do Chucrute é formado por membros da religião luterana (mas não somente luteranos).

No caso de Estrela, conforme Seyferth (2004, p. 155) “é possível observar que houve uma reinvenção da germanidade no território colonizado, que incorpora a mudança cultural ocasionada pela conversão do emigrante em imigrante”. Nesse caso, não é a nacionalidade que é colocada em pauta, e sim o fato de serem todos “novos” em um “novo mundo”. Porém, a dificuldade existente de se libertar do “velho” tendo em vista a opção por uma nova *Heimat* (Pátria), acaba leva à manutenção do *Deutschtum*.

Dentro desse contexto, os imigrantes alemães acabaram por desenvolver a *germanidade*, como forma de interação social e não como um projeto político, diferenciando-se de outros exemplos em nível global. A etnicidade, aqui, corresponder à identificação social, conforme Barth:

- a) “se perpetua, principalmente por meios biológicos”;
- b) “compartilha de valores fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito”;
- c) “compõe um campo de comunicação e interação”;

¹⁵ “Em 1939 havia uma lista de 378 termos portugueses mais utilizados em zonas de colonização alemã em livros escritos (ES, RS, PR, SC) e seis anos depois esse número passou para 693, resultante da campanha de nacionalização varguista, surgindo assim, uma comunidade teuto-brasileira”. (VOIGT, 2007, p. 195).

d) “tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem” (BARTH, 1969, p. 10-11; OLIVEIRA, 1976, p. 2).

A etnicidade é definida, então, por elementos concretos que servem como limite para separar os imigrantes dos “outros” e assim torná-los protagonistas no processo colonizador, nos quais é possível destacar o uso da língua alemã, a escola comunitária, as instituições culturais (como as sociedades de canto ou dança, por exemplo), as sociedades esportivas associadas a ideais nacionalistas, como as *Turnvereine* (sociedade de ginástica) e as *Schützvereine* (sociedades de tiro).

Além das características mais óbvias relacionadas ao estilo de vida e uma ordem econômica e social derivada da experiência comum da colonização, assim como a arquitetura, organização dos espaços, hábitos alimentares, a divisão do trabalho, os costumes que fazem com que haja um sentimento de pertencimento a uma unidade e crença na origem comum, acentuando dessa forma o uso da expressão “colônias alemãs” e vinculadas nas publicações em almanaques, textos comemorativos, jornais, associações culturais e na política local (SEYFERTH, 1993, p. 4) excluindo dessa forma os indígenas e africanos e contribuindo com a ideia de “pioneirismo alemão” e dessa forma reforçando a ideia de superioridade racial. Seyferth (2004, p. 158) menciona, ainda, que se tratando de publicações, um dos mais populares foi o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, conhecido popularmente *Rotermund Kalender*, que apresentava relatos de viagens ou da história da colonização.

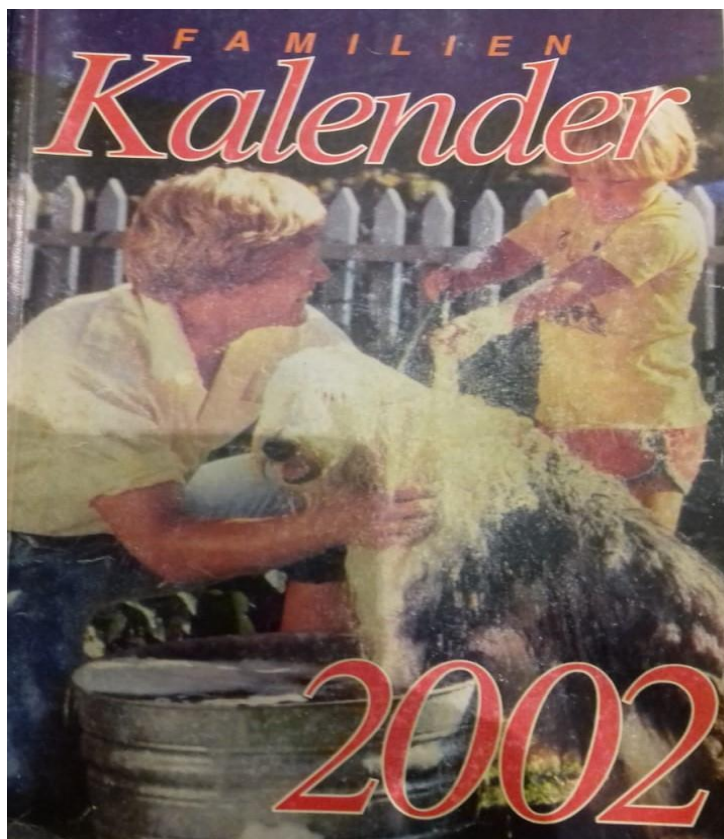
O livro intitulado *Familien Kalender* é outro exemplo que traz pistas sobre o *Deutschtum* em Estrela. A edição dos anos de 2002 e de 2003, por exemplo, apresentam seguinte o conteúdo, conforme segue:

Leia neste anuário da família:

1. Editorial;
2. Mensagem do calendário familiar;
3. Família;
4. Paixão e ressurreição de Cristo;
5. De repente eu vi minha mãe;
6. Moldando o tempo na vida familiar;
7. Visite Roma subterrânea;
8. Eu comprimento oi, Josef pessoalmente;
9. Nosso pai na família;
10. Casamento é como uma casa;

11. Verdadeira história de fé;
12. U.L.F. por aparecida;
13. Jesus- Pão nossa vida;
14. Sonho de uma pátria global;
15. Senhor, quão grande é a sua criação?
16. Cem marcas.

Figura 8 – Capa do livro *Familien Kalender*



Fonte: O autor, 2020.

É possível observar através dos títulos que os assuntos são relacionados a Família, como o próprio título já anuncia, assim como a questão religiosa e aspectos relacionados ao cotidiano. Porém, “esses escritos foram realizados por pessoas que não se enquadram na condição de colonos, ou seja, não se dedicaram ao trabalho agrícola em lote colonial; suas atividades estavam vinculadas a *stadtplatz* (centro da cidade)” (SEYFERTH, 2004, p. 158). Ou seja: não é possível gerar uma generalização sobre a manutenção do *Deutschtum* na localidade.

A participação dos migrantes/imigrantes estava vinculada a uma ação coletiva de um grupo de *status* que procura estabelecer um estilo de vida, especificamente local, articulado à

noção de germanidade (*Deutschtum*) e que seria a de “crença subjetiva na origem comum étnica”. Muitas vezes, vários discursos de imigrantes alemães estão associados a palavras-chave como *Treue* (Lealdade), *Segen* (Prosperidade), *Ehre* (honra), *Liebe* (amor), *Deutsche Kultur* (cultura alemã), *Kampf* (luta), *Volk* (povo) atinentes a união com a “velha pátria” (WEBER apud SEYFERTH, 2004, p. 167) trazendo a tona o nacionalismo alemão.

Para Seyferth (1993, p. 4), as “instituições comunitárias não foram criadas com o propósito de assegurar a especificidade étnica”, embora isso tenha acontecido, e cita que a criação da “escola alemã” surgiu para preencher a falta de ensino público nas colônias e contribuiu dessa forma para a manutenção da língua alemã no cotidiano. No caso de escolas, em Estrela existem dois colégios privados que estão vinculados ao campo religioso, sendo um de cunho católico, o Colégio santo Antônio, fundado em 1898, assim como o colégio Martin Luther, fundado em 1904, evangélico. Na página do colégio Martin Luther, o histórico é retratado da seguinte forma:

Desde o início, quando os alemães vieram para a região, começaram a criar um sistema organizado de escolas, com ensino gratuito e obrigatório e com baixo índice de analfabetismo. Porém, ainda assim não é um privilégio de muitos. A solução dada por esses imigrantes, foi criar um sistema de mutirão, a construção de uma escola junto á igreja de Confissão Luterana, que pudesse proporcionar um ensino de qualidade. Assim, surge a escola paroquial, organizada e mantida pela comunidade Evangélica local. (Site do colégio).

Assim como em Estrela, em Lajeado, município localizado na margem oposta do rio Taquari e que faz divisa com Estrela, também existe a presença de dois colégios vinculados ao campo religioso, católico, Colégio Madre Bárbara e CEAT (Colégio evangélico Alberto Torres), evangélico, entre outros.

Nas primeiras décadas a maior parte dos imigrantes e até mesmo a segunda geração, teve pouco ou nenhum convívio com a sociedade nacional e isso teve reflexo na formação comunitária étnica (SEYFERTH, 2011, p. 51), ou seja, essa manutenção do idioma até o período do nacionalismo varguista foi um processo involuntário perante as lacunas existentes do processo colonizatório, na qual o “critério etnolinguístico” de definição de nação, que inclui também a redescoberta folclórica do povo (HOBBSBAWM apud SEYFERTH, 2004, p. 156). Ou seja, para além da sociabilidade, as associações representavam *Volkstum*: dela participavam “colonos alemães” que falavam o idioma da “velha pátria”, ou seja, o idioma era uma característica principal para ser pertencente às associações que surgiram no período colonizatório.

3 AS IGREJAS DE ESTRELA COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA: ONTEM E HOJE

O presente capítulo visa a traçar uma caracterização das igrejas de Estrela dentro do quadro temporal proposto (1856-1922). Tal caracterização, realizada por meio de revisão bibliográfica, análise de fontes documentais e pesquisa de campo realizada pelo autor, busca a levantar informações essenciais que serão utilizadas na plataforma digital a ser desenvolvida. É importante enfatizar que, atualmente, algumas das igrejas que serão apresentadas já não existem mais e foram substituídas por novas construções, assim como algumas picadas passaram a se chamar distritos.

3.1 A formação de Estrela: apontamentos sobre a colonização germânica no Vale do Taquari

A mobilidade sempre fez parte da vida do ser humano e pode partir de uma decisão individual e com motivação econômica, assim como pode envolver grupos, famílias, redes sociais no contexto migratório e imigratório (BASSAN; GEVEHR, 2018, p. 24). Se tratando da colonização alemã para o Rio Grande do Sul, esse fenômeno pode ser dividido em três diferentes períodos: a primeira, de 1824-1847; a segunda, de 1848-1874, período que foi criada a colônia de Estrela (1856); e a terceira, de 1874-1889 (ROCHE, 1969, p. 12). Na primeira fase da imigração o número de imigrantes, conforme Seyferth, (1993, p. 1) “são pouco expressivos, entraram no Brasil 6 mil imigrantes, sobretudo da Prússia, como é no caso de Estrela, onde será possível ver no quadro 1, que dentre as 45 famílias que ocuparam Estrela, 22 são prussianas”. Este fluxo imigratório esteve proibido no Brasil no período de 1835-1845 devido a Revolução Farroupilha.

Existem duas matrizes básicas no que diz respeito à imigração alemã no Brasil e aos seus desdobramentos posteriores. Uma poderia se chamar economicista e outra político-cultural, que se concentra sobre os efeitos da transplantação de um contingente de alemães para o Brasil, linha à qual este estudo está filiado (GERTZ, 2007, p.73).

Os primeiros colonizadores germânicos aportaram na região do Vale do Taquari da década de 1850, conforme consta nos documentos do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/AHRS:

Colônia fundada em 8 de março de 1856 pelo coronel reformado da Guarda Nacional Victorino José Ribeiro em sua Fazenda na margem esquerda do Rio Taquary no município, entre os arroios -Estrella e o Boa Vista, ocupando huma area

de 6:776:124 braças, divididas em 45 colônias todas povoadas com casas de moradia e cultura. (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, Colônias, Caixa 31).

Sabe-se que “há muitos que os territórios conhecidos hodiernamente como Brasil e Alemanha encontram-se culturalmente interligados” (RELLY, 2018, p.115). De fato, devido às profundas transformações políticas e sociais ocorridas na Europa desde o início do século passado, entre elas a luta pela unificação nacional da Alemanha ocorrida em 1871, a guerra Franco-prussiana (1870-1871) e o crescimento do capitalismo industrial, alguns contingentes populacionais excluídos do novo contexto econômico-produtivo passaram a encaminhar-se para a América, sendo o Sul do Brasil um dos primeiros e principais destinos. (SALAMONI, 2001, p.1).

Durante a primeira fase da emigração para o Brasil, o território alemão ainda não era unificado e nem mesmo havia uma política para a emigração. Se, de algum modo, a emigração era interessante para a Alemanha, certamente o era no sentido de construir um meio para se livrar dos contingentes humanos excedentes, sendo que a desigualdade social era alta e encontraram na emigração uma válvula de escape para esse excedente, ou seja, grande parte da população de imigrantes alemães que vieram para o Brasil era devido às dificuldades encontradas na Europa (WITT, 1996, p. 21).

Se os imigrantes saíram de seus países de origem motivados por dificuldades, quando no Brasil chegaram, também as tiveram. Um representante diplomático brasileiro em Berlim na década de 1840 com uma memória publicada em 1845 acerca das dificuldades encontradas pelos imigrantes no Brasil como a falta de uma legislação para a venda de terras, a naturalização dos imigrantes, a instituição do casamento civil, da liberdade de culto, do fim do regime escravista, ausência de crédito agrícola, falta de estradas e distância dos mercados consumidores (SEYFERTH, 1993). “Essas dificuldades motivaram a proibição da imigração prussiana para o Brasil em 1859 e que posteriormente se estenderam a outros estados alemães devido a denúncias sobre o regime de colonato praticada no estado de São Paulo” (SEYFERTH, 1993, p. 2).

A imigração para o Brasil colocou em contato famílias oriundas de diferentes cidades e países da Europa, como Prússia (não mais existente como unidade política desde 1932 devido ao regime nazista e oficialmente extinto em 1947), Baviera, Dinamarca, Hamburgo e França. Foram motivadas para vir ao Brasil pela propaganda de incentivo à imigração pelo governo de D. Pedro II, principalmente a partir da Lei de Terras e pela Lei Eusébio de Queirós promulgadas em 1850. A primeira que permitia acesso à terra somente a partir da

compra, o que antes era pela concessão real ou de autoridade que respondesse diante do Imperador, sendo concedidas as sesmarias; e a segunda lei, que proibia o tráfico de escravizados africanos ao Brasil, o que fez com que houvesse uma substituição de mão de obra escravizada pela de imigrantes, no caso, europeus, principalmente para o estado do Rio de Janeiro, destinadas às produções de café e, simultaneamente, para o Rio Grande do Sul, para ocupar o relativo “vazio” demográfico existente.

Algumas famílias são provenientes de São Leopoldo, que estabeleceram-se no Rio Grande do Sul na primeira fase da colonização germânica para o Estado. Sobre o deslocamento dessas famílias desde sua chegada a Estrela, existem algumas hipóteses sobre a ocupação das primeiras colônias por estes imigrantes:

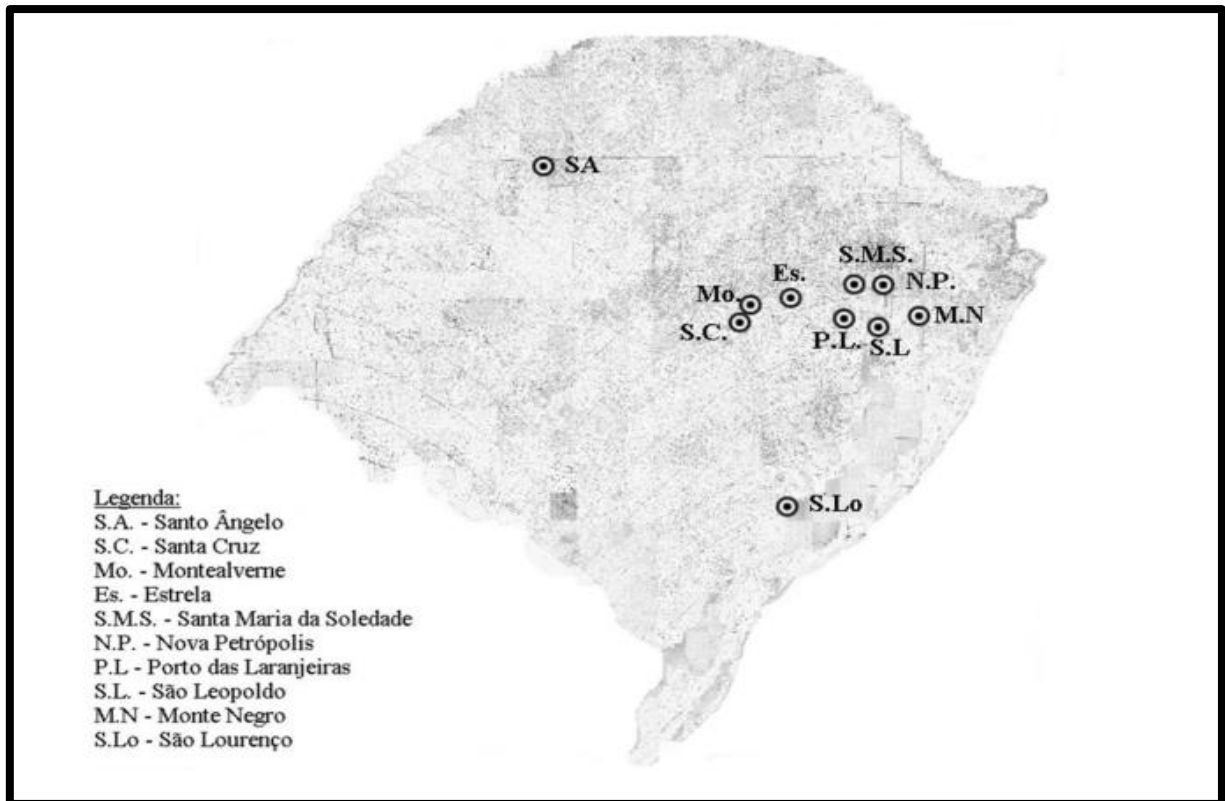
Quase todas as colônias de que consta esta nova paróquia, criada em 1873, foram iniciadas nos últimos anos com a vinda de novos colonos, que ocorreram de todas as partes, sendo principalmente de origem alemã. Foram atraídos pela fertilidade do solo. As colônias de Conventos, Novo Paraíso, Arroio do Ouro, União, foram iniciadas há 14 anos. As outras, entre as quais sobressai Estrela, foram iniciadas nos últimos quatro ou cinco anos. (SPOHR, 2018, p. 19).

A expansão da colônia alemã no Rio Grande do Sul se deu, em grande parte, de dentro para fora. A velha colônia de São Leopoldo forneceu às colônias mais novas, grande parte de sua população (WITT, 1996, p. 29). Nas picadas Delfina e Arroio do Ouro, em Estrela, os primeiros colonizadores migraram do município de Dois Irmãos, colônia próxima a São Leopoldo. Alguns dos motivos das migrações para as novas colônias foram:

[...] as famílias de imigrantes eram bastante numerosas, chegando a dez ou mais filhos. De um lado era positivo devido a necessidade de braços para a lavoura e por outro lado, causa da rápida expansão demográfica, tendo em vista que os filhos mais velhos buscavam sua própria propriedade. Outro fator que motivava a migração para as novas colônias era o valor que as colônias mais antigas foram atingindo, sendo assim, as terras novas, de menor preço, se constituíam num elemento de atração para a colonização das novas colônias (WITT, 1996, p.35).

Este movimento de migração, pode “envolver uma decisão individual ou de grupos, classes sociais e ser impulsionado por fatores de ordem econômica ou social” (MÜHLEN; SANTOS, 2018, p.18). Nesse sentido, “as redes sociais constituem a base para o entendimento das migrações no que se refere aos fluxos ou a inserção do migrante no local do destino” (MÜHLEN; SANTOS, 2018, p. 23). É uma das estruturas mais importantes para a compreensão da organização social das migrações.

Figura 9 – Mapa com indicação das colônias oficiais criadas até 1860 no Rio Grande do Sul



Fonte: Weber, 2016, p.28.

Um dos primeiros desafios encontrados pelos imigrantes alemães foi a demora para a concessão de terra (BLUME; WITT, 2014, p. 7). A publicidade veiculada na Europa em favor da imigração divulgou a ideia de que o Brasil seria um lugar novo, organizado e de fácil adaptação, o que na verdade não ocorreu. Durante os primeiros meses, os imigrantes se instalaram na extinta Real Feitoria do Linho do Cânhamo, uma empresa do governo imperial brasileiro, na qual funcionários e escravos eram responsáveis para apresentar o “novo mundo”, localizada no atual município de São Leopoldo/RS, “berço” da imigração alemã no Rio Grande do Sul e, posteriormente, outras colônias, como as mencionadas no mapa acima, entre elas Estrela. Além da colônia de São Leopoldo, foram criadas colônias no mesmo período em São Pedro de Alcântara e Mafra (SC) e Rio Negro (PR), ou seja, região Sul do Brasil (SEYFERTH, 1993, p. 1).

Em muitos casos, a historiografia ignora as relações interétnicas com populações indígenas e africanas e indica os imigrantes envolvidos em um ambiente familiar dialogando somente com seus pares e privilegiando as estruturas religiosas (WITT, 2014, p. 3). É importante frisar que o contato dos imigrantes com os indígenas, no caso de Estrela, Kaingang, na grande maioria, ocorreram de forma conflituosa, pois a subsistência dos povos

indígenas dependia das terras que foram sendo ocupadas pelos imigrantes o que causou o “estranhamento social” entre estes (VEDOY, 2015, p. 76).

Nesse processo de “estranhamento” entre os imigrantes e indígenas, houve o uso de força em ambos os lados, sendo no primeiro momento por iniciativa do governo para expulsar os índios *Kaingang* e em seguida dos indígenas contra os imigrantes. Ao mesmo tempo em que os *Kaingang* eram retirados de seu território para a ocupação dos imigrantes, os indígenas eram forçados a se adequar ao novo modelo cultural ao qual não era habituado sendo que nesse momento passou-se a utilizar termos pejorativos como “selvagem” e “vagabundo” (VEDOY, 2015, p. 77).

Além das dificuldades citadas anteriormente, outro obstáculo encontrado pelos imigrantes seria a diferente origem étnico-linguística destes imigrantes. As diferentes nacionalidades tornavam a linguagem dificultada, pois cada grupo possuía diferentes “dialetos”. Manteve-se o epíteto de colônias alemãs para os principais núcleos coloniais até porque a maioria da população até a virada do século XX, era de origem germânica e o seu sistema cultural deu respaldo ideológico a essa classificação (SEYFERTH, 2011, p. 50), porém, como consta nos documentos pesquisados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/AHRS dos primeiros imigrantes que colonizaram a colônia fundada no ano de 1856 em Estrela/RS no ano de 1860, consta essa grande diversidade dos pontos de partida destes imigrantes, conforme é possível observar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Sociedade da Colônia Estrela em 1860

Família/nacionalidade	Integrantes
01 João Mallmann - Prússia	6 femininos, 6 masculinos
02 Adão Massing - Prússia	1 masculino - 2 femininos
03 Catharine Massing - Prússia	1 feminino
04 Frederico Massing - Prússia	1 masculino - 1 feminino
05 José Gerhardt - Prússia	5 masculinos - 6 femininos
06 Sebastião Gerhardt - São Leopoldo	4 masculinos - 2 femininos
07 Pedro Noll - Prússia	9 masculinos - 4 femininos
08 Nicolaus Schuster - Baviera	2 masculinos - 1 feminino
09 João Eckert - São Leopoldo	3 masculinos - 2 femininos
10 Christine Massing - São Leopoldo	1 feminino
11 Christiano Schwingel - Prússia	4 masculinos - 2 femininos
12 Valentino Schwingel - Prússia	2 masculinos - 6 feminino
13 Conrado Schwingel - Prússia;	4 masculinos - 6 femininos

14 Pedro Schwingel - Prússia	3 masculinos - 7 femininos
15 João Heberle - Prússia	6 masculinos - 4 femininos
16 Pedro Heberle - Prússia	5 masculinos - 6 femininos
17 Jozé Joaquim d Rochet - São Leopoldo	1 masculino- 1 feminino
18 Pedro Keller - São Leopoldo	1 masculino- 2 femininos
19 Miguel Petter - Prússia	4 masculinos - 6 femininos
20 João Caye - França	1 masculino
21 Jacó Caye - São Leopoldo	4 masculinos - 2 femininos;
22 João Endres - Prússia	3 masculinos - 2 femininos
23 Jacó Feldime - São Leopoldo	1 masculino - 2 femininos
24 Guilherme Heydt - Prússia	1 masculino - 4 femininos
25 Júlio George Schnack - Dinamarca	3 masculinos - 2 feminino
26 Jozé Hiller - São Leopoldo	1 masculino - 1 feminino
27 Daniel Sabel - Dinamarca	1 masculino
28 André Hinlein Fo - São Leopoldo	3 masculinos - 2 femininos
29 André Hinlein Pay - Prússia	1 masculino - 1 feminino
30 João Frederico Villnem - Dinamarca	1 masculino - 1 feminino
31 Carlos Ezberger - Prússia	5 masculinos - 2 femininos
32 João Merschbecker - Prússia	4 masculinos - 2 femininos
33 Pedro Behrens - Dinamarca	4 masculinos - 5 femininos
34 João Nepomue Ley - Prússia	2 masculinos - 4 femininos;
35 Fellipe Keller - São Leopoldo	1 masculino - 5 feminino
36 Augusto Heine - Hannowek	2 masculinos - 1 feminino
37 Guilherme Krüger - Hamburgo	1 masculino
38 Christiano Nivers - Dinamarca	1 masculino - 2 femininos;
39 Pedro Diedrich - Prússia	4 masculinos - 2 femininos
40 Guilherme Mallmann - São Leopoldo	3 masculinos - 1 feminino
41 Mathias Massing - São Leopoldo	1 masculino - 1 feminino
42 Jaco Kuhn - Prússia	5 masculinos - 5 femininos
43 Nicolaus Schüsler - Prússia	6 masculinos - 4 femininos
44 João Friederico - São Leopoldo	1 masculino
45 Guilherme Endres - São Leopoldo	3 masculinos - 1 feminino

Fonte: Elaboração do autor a partir dos documentos (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Colônias. Caixa 31).

Das 45 famílias que chegaram em Estrela, 22 são da Prússia, 1 da Baviera, 5 da Dinamarca, 1 de Hannowek, 1 de Hamburgo, 1 da França e 14 de São Leopoldo, totalizando 243 pessoas, sendo 125 homens e 118 mulheres. Roche (1969, p. 277) cita que “Estrela pode ser tomada como exemplo de certas colônias privilegiadas, cuja prosperidade duradoura

provém da fertilidade dos terraços fluviais inundáveis, nos quais são instaladas”. Nelas, a história das culturas não segue exatamente a mesma curva que nas outras regiões do pé da serra. “Surpreende em Estrela, as dimensões das propriedades que mediam, em média, 48 hectares no ano de 1853, mas que foi diminuindo para as lavas de imigrantes que chegaram em datas posteriores” (ROCHE, 1969, p. 325).

Devido ao investimento do governo e de particulares nas “áreas de receptividade aos imigrantes/migrantes em infraestrutura, bem como a localização próxima aos rios (como é o caso de Estrela) para o escoamento de produtos, as estradas, as pontes, e a agricultura familiar, explicam o desenvolvimento destas colônias” (RELLY, 2013, p. 35).

Existe um perfil em comum em quase todas as áreas de colonização germânica: os imigrantes foram assentados em áreas de floresta, a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios como divisas naturais. Em todas elas houve a formação de sociedades camponesas com a economia baseada na pequena propriedade familiar policultora (SEYFERTH, 1993, p. 2).

Posto essas breves considerações sobre a imigração e instalação dos imigrantes em Estrela, na próxima seção será possível compreender de que forma os colonizadores germânicos se (re)organizaram no território da colônia recém-fundada, com ênfase nos locais onde foram construídas as igrejas, ou seja, as picadas, bem como a caracterização destes espaços de memórias.

3.2 Onde as igrejas foram construídas: as picadas

A instalação de igrejas tem profunda relação com a abertura de picadas, considerando que grande parte dos primeiros imigrantes eram agricultores, com base no trabalho familiar e dependiam da terra. A picada é a forma básica de penetração na floresta subtropical, na qual se busca abrir com os instrumentos disponíveis ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados. De acordo com documentos, a economia da picada estava voltada a produção dos seguintes alimentos:

Fabricação manteiga e já exportão de 16 a 20 arrobas por anno. Os terrenos são superiores para qualquer gênero de agricultura [...] Muitos colonos cultivão em pequena quantidade para seu consumo, algodão, linho e principião a plantar mandioca e canna de assucar (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Colônias. Caixa 31).

Além dos produtos mencionados acima, estes imigrantes também se dedicavam ao cultivo do milho, feijão, batata, cevada, trigo, ervilha, fava e criavam cavalos e suínos (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Colônias. Caixa 31). Na demarcação dos lotes, obedeciam-se a critérios de natureza topográfica. Em uma das extremidades, o rio ou seu afluente servia de limite o que também se conhece por divisas naturais. “O lote estendia-se encosta acima até encontrar-se com outro que subia de outro vale. Nos topos dos morros ficava localizada a linha, picada ou travessia. A geografia determina, assim, o tamanho de cada uma das comunidades humanas que se estabeleciam” (DREHER, 2005, p. 15).

Os lotes tinham normalmente entre 110 e 220 metros de frente e algumas centenas de metros de profundidade e ficavam alinhados em cada um dos lados da picada. “As moradias ficavam geralmente alinhadas de frente para as estradas e tinham em média um conjunto variável entre 80, 100 e 130 famílias” (VOGT, 2006, p. 160)

As picadas foram o modelo predominante das comunidades germânicas no Sul do Brasil, assim como em outros países: Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile (DREHER apud RELLY, 2018, p. 114). Também podia ser chamada regionalmente de Linha, Travessão, Lajeado, *Schneisse* ou a forma alemanizada de *Pikade*.

[...] trilha de acesso a uma propriedade, passou a ser, em pouco tempo, orientadora e organizadora de vida comunal, geograficamente identificável. Era unidade humana na qual se encontrava templo [...], a escola (tradição trazida pelos imigrantes e que teria importância fundamental para o desenvolvimento do Brasil meridional), o cemitério (espaço de reverência a mortos e de preservação de memória comunal), a residência do professor ou do padre/pastor, o salão de festas comunitárias (também designado de sociedade ou clube). Cada picada abrigava uma casa comercial, entreposto para o qual eram vendidos os excedentes de produção e através do qual se adquiriam bens não produzidos na comunidade. (DREHER apud RELLY, 2018, p. 114).

Do ponto de vista sociológico, a picada teuto-brasileira por consequência se aproxima de uma noção de autogerenciamento de recursos, trabalho e investimentos (RELLY, 2018, p.115). O território em comum das picadas e comunidades não está associado apenas aos espaços físicos ocupados:

[...] está acima da mera contingência dos aspectos físicos, que, por sua vez, também concorrem para a constituição territorial. Ele é uma relação entre a natureza e a sociedade, em que atribuições de símbolos e valores incidem sobre o espaço físico, gerando concepções de pertencimento e identidade. (RELLY, 2013, p. 31).

Foi necessário, portanto, se adaptar e criar os elementos necessários que perfaziam uma comunidade viável. O cotidiano teve de ser moldado em bases que conjugavam as novas vivências com as antigas tradições. Nessas comunidades, “desenvolveram-se práticas simbólicas e culturais que adquirem importância para a existência dos laços sociais de uma comunidade” (RELLY, 2013, p.26). São algumas das redes informais de sociabilidade tratadas como informais mais comuns entre os imigrantes que envolviam as novas vivências com as antigas tradições como:

A sociabilidade informal inclui uma série de atividades como visitar parentes e amigos; conversar com vizinhos; reunir amigos em casa; jogar cartas; participar em diversos tipos de atividades de lazer junto com outras pessoas como em bailes, quermesses, Kerbs, casamentos e outras festas; apresentar-se para desenvolver trabalhos de voluntariado; participar de atividades filantrópicas; realizar trabalhos conjuntos em sistema de mutirão etc. Esse intenso convívio social favorece o conhecimento de outras pessoas e torna mais propensa a criação de relações de confiança, camaradagem, solidariedade e auxílio recíproco entre os envolvidos. (VOGT, p. 163, 2006).

A partir das dificuldades econômicas enfrentadas devido à falta de recursos públicos destinados às colônias, colocarei em pauta o que Relly apresentou em sua pesquisa, o capital social, como mais uma forma de socialização e que contribuiu para o desenvolvimento das picadas. Para o autor (2013, p. 13) “o capital social admite inúmeros significados, desde economicista a culturalista”. Porém, utiliza-se como nuance conceitual de Robert Putman (2006, p. 177) que “entende que o capital social diz respeito a características de organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade”. Por fim, trata-se de um bem público, acessível a todos, que contribui para diminuir os custos das transações. Essa prática, ainda é comum em Estrela, e está presente desde práticas vinculadas ao trabalho comunitário religioso como nas festividades, bem como em atividades de cunho econômico. Recordo-me que durante minha infância, quando, muitas vezes, acompanhava meu pai até a propriedade de meu avô, que tinha como principal atividade econômica a pecuária, e que, quando, era realizado o carregamento das aves para destinar ao frigorífico, a família e os vizinhos ajudavam nas tarefas e o mesmo acontecia posteriormente, ou seja, a comunidade se envolvia para diminuir custos ao pequeno produtor.

A configuração espacial da picada estava de alguma forma fora do controle de decisão dos colonos. “As mesmas eram investimentos privados ou estatais que não admitiam em sua formulação a participação daqueles que as ocupariam” (RELLY, 2013, p. 125). No caso das picadas constituídas em Estrela, as mesmas eram privadas. Inclusive, sabe-se que o sistema

privatista em que se baseava a colonização do século XIX convidava ao isolamento dos colonos e ao embotamento de uma vida comunitária mais intensa.

Vogt (2006, p. 165) corrobora que “os laços sociais tinham início desde a derrubada da mata e a abertura de clareiras e a construção da primeira choupana davam-se, em muitas vezes, pelo trabalho coletivo que envolvia várias famílias, o que podemos classificar como capital-social”. O mesmo autor (2006, p.166) salienta que “para além do trabalho coletivo para o desenvolvimento da picada, outras tarefas também eram comuns, como a construção e manutenção de capelas, de residência de párocos, de escolas, de professores e a limpeza de estradas e cemitérios”. Para além do trabalho, eram os imigrantes que doavam o material necessário para o desenvolvimento dos espaços comuns, argumento que corrobora a ideia aqui defendida da ligação entre igrejas e picadas no desenvolvimento territorial de Estrela. Aos poucos foram abertas as “picadas”: Picada Grande (Novo Paraíso), Arroio do Ouro (às margens do rio Taquari), Santa Rita, Glória e, mais tarde, Delfina. (SCHMIDT, 2012, p. 239). Adicionalmente, o quadro abaixo indica as outras picadas que formavam o território estrelense até o ano de 1922:

Quadro 2 – Picadas em Estrela no ano de 1922

1	Costão
2	Geraldo
3	Lenz
4	Wink
5	Novo Paraíso
6	São Jacob
7	Santa Rita
8	Porongos
9	Arroio do Ouro
10	São João do Bom Retiro
11	Glória
12	Delfina

Fonte: O autor, com base no mapa de 1922.

Algumas das picadas citadas passaram a ser denominadas como distritos. Delfina, a última picada aberta, foi a primeira a se tornar distrito, seguida de Glória, sete anos mais tarde. Curiosamente, Novo Paraíso, a primeira picada ocupada em Estrela, foi a última a se tornar oficialmente um distrito. Arroio do Ouro e Santa Rita, picadas contempladas nessa pesquisa devido a data de construção das igrejas, não se tornaram distritos.

Conforme consta na página do IBGE¹⁶, em divisão territorial datada de 2005, o município de Estrela é constituído de 5 distritos: Estrela, Costão, Delfina, Glória e Novo Paraíso.

3.3 Caracterização de igrejas em Estrela (1856-1922)

A definição de redes sociais no processo migratório compreende os laços interpessoais que ligam os migrantes nas áreas de origem e destino por graus de parentesco, amizade ou conterraneidade (MASSEY apud BASSAN; GEVEHR, 2018, p. 23). A religião e, conseqüentemente, as igrejas, são espaços privilegiados para uma abordagem da formação de redes sociais e que, conforme Pesavento (1995, p. 284) a “forma de uma cidade, seus prédios e monumentos, contam uma história não verbal do que a *urbe* viveu um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e sociabilidades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto forma, função ou significado”.

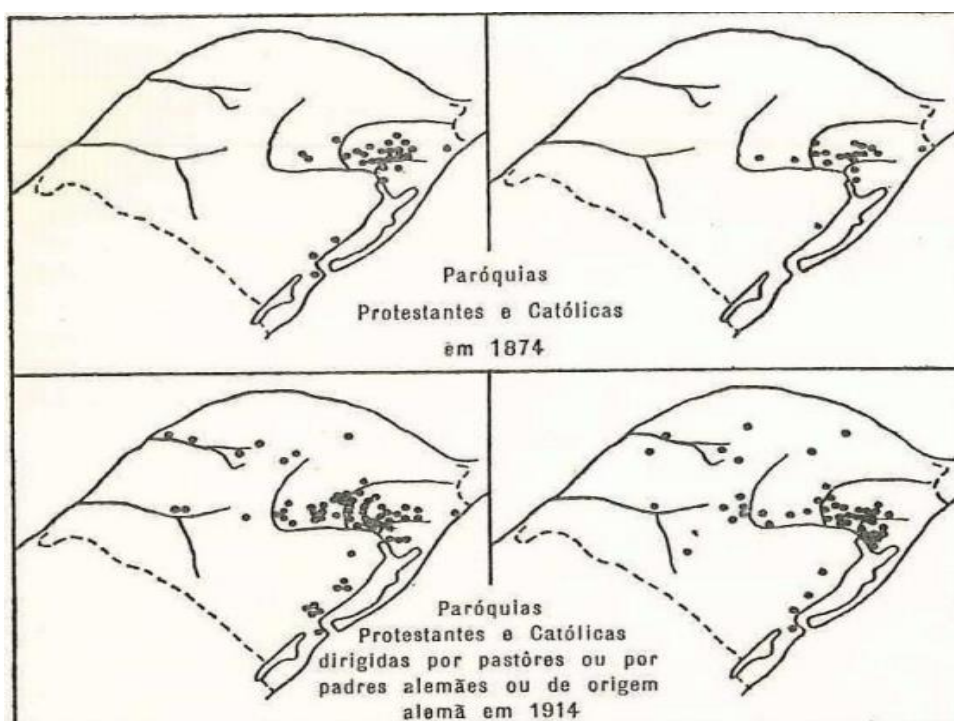
No “entrecruzamento de espaço e tempo, a cidade aparece como uma emaranhada floresta de símbolos, que podem se tornar legíveis para o historiador ou, pelo contrário, se configurar como obstáculos” (PESAVENTO, 1995, p. 288). Nesse sentido, a memória é a vida: “sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável [...]” (NORA, 1993, p. 9). Em um estudo correlato, realizado em Novo Hamburgo, Chimite (2018, p.194) registra que “em meio às transformações, as principais igrejas estavam lá, ao mesmo tempo fixas e mutáveis, se equilibrando no espaço entre a tradição e a novidade, entre o antigo e o moderno”. Eliade (1992, p.19) registra que, no interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao céu. Assim acontece em inúmeras religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante a “casa dos deuses”, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de

¹⁶ BIBLIOTECA IBGE, 2019.

viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador (ELIADE, 1992, p. 37).

As igrejas podem ser tratadas como locais sagrados, em que se pode vivenciar a presença dos deuses. “O local sagrado é uma zona de contato entre Deus e o homem” (ASSMANN, 2011, p. 322). No caso de Estrela, a religião ocupou papel de destaque no início da colonização, pois foi responsável pela criação dos espaços para religião e educação, visto que as primeiras escolas eram de vínculo religioso. Weimer (2005, p. 395) conjectura que “o ato de construir igrejas além de um trabalho necessário, foi também motivo de convivência coletiva e de interesse regional”. Na imagem a seguir é possível visualizar a evolução na construção das igrejas acompanhando os fluxos migratórios e imigratórios no estado do Rio Grande do Sul.

Figura 10 – Mapa do Rio Grande do Sul indicando o avanço das paróquias católicas e luteranas entre 1874 e 1914



Fonte: Roche, 1969, p. 676.

Conforme documento¹⁷ do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/AHRS, de um total de 294 imigrantes que chegaram em Estrela no dia 25 de junho de 1862, 219 são “catholicos” e 75 “protestantes”. Schierholt (2002, p. 339), a partir da obra “Cem anos de

¹⁷ ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Colônias**. Caixa 31. Porto Alegre, RS.

Germanidade no Rio Grande do Sul- 1824-1924” do pesquisador Pe. Teodoro Amstad dá a percentagem de 32% católicos e 68% protestantes em Estrela, número que alterou-se passados 70 anos, onde o Censo demográfico do ano de 1991 apontou como 76,2% católicos. Consta, ainda, que no primitivo território de Estrela, alguns distritos e linhas coloniais mantiveram certa unidade confessional. Assim, por exemplo, famílias católicas se concentraram mais em Santa Clara e Arroio do Meio; e as evangélicas, em Teutônia e Marques de Souza. Nas próprias linhas coloniais havia predomínio confessional, como Novo Paraíso Católico e Novo Paraíso evangélico, que se manteve até os dias atuais.

Atualmente, existem 28 igrejas católicas no município, que são divididas em 2 paróquias: Santo Antônio, com 16 igrejas atendidas e São Cristóvão, com 12 igrejas. Luteranas são 3, uma localizada no bairro centro, em Novo Paraíso e Wink. Dreher (apud RELLY, 2013, p. 143) cita que “igreja significou um conjunto formado por capela, cemitério, escola, salão de festa, campo esportivo e casa canônica ou pastoral”.

A seguir, são listadas algumas destas igrejas e o ano em que foram construídas, sendo que algumas destas já não existem mais e foram substituídas por novos templos religiosos:

Quadro 3 – Igrejas, data de construção e localização nas picadas

Igreja	Data de construção	Picadas
São Vito/ Não mais erigida (utilizada para missas e cultos católicos e luteranas)	01/07/1862	Novo Paraíso
Igreja luterana/Não mais erigida	18/02/1863	Novo Paraíso
Residência / católica/ Não mais erigida	1860/1870	Arroio do Ouro
Santo Antônio/ Católico/ erigida	31/12/1873	Centro de Estrela
São Francisco Xavier /erigida	10/07/1898	Glória
São Vito/ católico/ substituiu a antiga igreja	1916	Novo Paraíso
Escola/ Católica/ Não mais erigida	1911	Delfina
Igreja luterana /substituiu a antiga igreja	1926	Novo Paraíso
São Pedro/ Católica/ erigida	1926	Delfina
Igreja luterana/ egirida	1927	Geralda
Igreja São Pedro Canísio/católico/erigida-substituiu a antiga igreja	1953/1957	Arroio do Ouro

Fonte: Elaboração do autor.

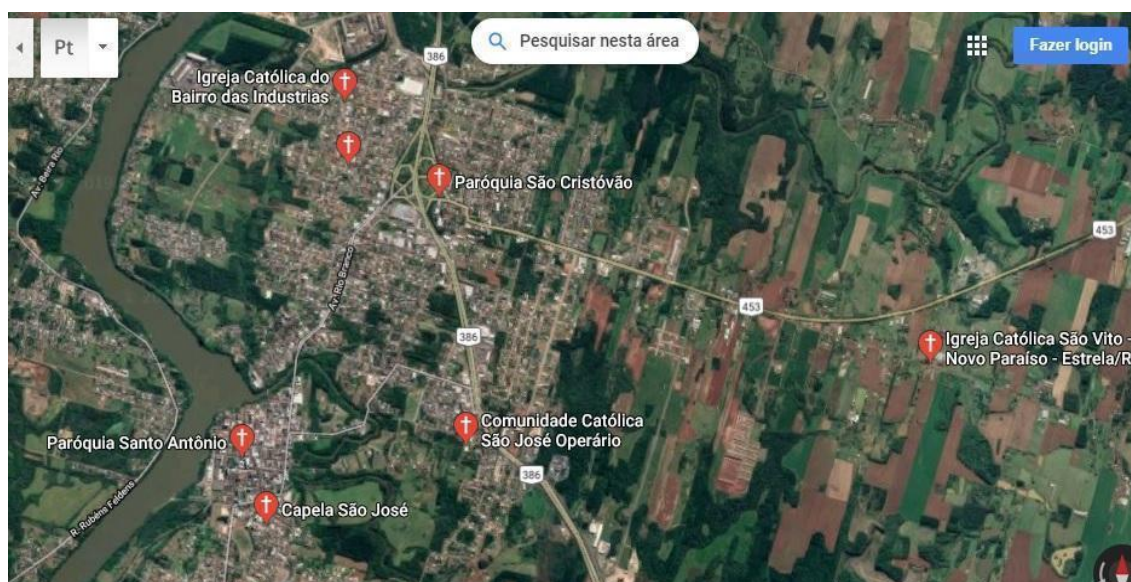
O objetivo do quadro acima é informar ao leitor de que na primeira picada existiu igreja de cunho católico e luterano e que, inicialmente, os cultos e missas eram realizados no mesmo espaço. “Pode-se inferir que isso ocorreu por pouco tempo, pois existe pouca diferença de tempo de construção entre uma igreja e outra. Havia assim sub-grupos católicos e luteranos na comunidade “alemã”, separados religiosamente, mas não etnicamente” (SEYFERT apud RANZI, 2000, p. 248).

Essa divisão de espaço, conforme menciona Cecchetti e Santos, (2018, p. 286) incidiu devido à “Constituição brasileira de 1824 que afirmava a religião católica como oficial e que todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo, inclusive, havendo penalidades” para quem descumprisse as leis, conforme segue:

Artigo 276. Celebrar em casa, ou edifício, que tenha alguma fôrma exterior de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra Religião, que não seja a do Estado. Penas – de serem dispersos pelo Juiz de Paz os que estiverem reunidos para o culto; da demolição da fôrma exterior; e de multa de dois a doze mil réis, que pagará cada um (BRASIL, 1830 apud CECCHETTI; SANTOS, 2018, p. 286).

No ano de 1886 foi criado no Rio Grande do Sul, o Sínodo Rio-grandense da Igreja Evangélica Alemã, em 1911 nos estados de Santa Catarina e Paraná e em 1949 houve a união dos sínodos existentes no Brasil e fundaram então a Federação sinodal que no ano seguinte passou a se denominar Igreja evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) (CECCHETTI; SANTOS, 2018, p. 288).

Figura 11 – Mapa atual com indicação de algumas das igrejas católicas em Estrela



Fonte: O autor (Google maps), 2019.

Na imagem acima é possível verificar a distância existente entre as igrejas mais antigas de Estrela, sendo a leste a de Novo Paraíso e a Oeste a Paróquia central, também chamada de igreja matriz.

Antes de iniciar a descrição das igrejas, uma das características que poderá se observar nas imagens é que as mesmas possuem traços arquitetônicos similares. Conforme Stocker Jr. (2019, p. 92), a projeção dos valores simbólicos da germanidade foi consolidada pela atuação de arquitetos e construtores de origem alemã e que foram sendo propagados de uma construção a outra.

3.3.1 Igreja católica São Vito/Picada Novo Paraíso (1862)

Figura 12 – Primeira igreja em Novo Paraíso



Fonte: Revista Ênfase¹⁸, 2019, p.7.

A primeira igreja católica de Estrela foi erguida em 01/07/1862 (data incerta) e estava localizada na Picada Grande (*Doppelpikade*), atual distrito de Novo Paraíso e foi dedicada a São Guido (Vitor). Weimer (apud ROCHE, 2005, p.121) “distingue cinco fases distintas nas construções teuto-brasileiras sendo elas 1) choupana, 2) construção enxaimel ,3) construção em tijolos, 4) construção em madeira e 5) construção estandarizada”. A capela, conforme a revista *Ênfase*, *ebenfalls Holzwer und ausgemauert* é em estilo enxaimel com uma pequena torre que, posteriormente, foi substituída por uma de tijolos, ou seja, seguindo uma ordem

¹⁸ Revista Ênfase é uma revista de circulação local na qual memorialistas contribuem escrevendo matérias de diferentes assuntos, sendo alguns relacionados a História de Estrela.

cronológica de estilo de construção, conforme exemplificou Roche (1969). Entende-se por técnica enxaimel as construções elaboradas com vigamento em madeira, em que as peças são postas na horizontal, vertical e inclinadas. “As peças são encaixadas uma na outra e entre os tramos, preenchidas com taipa, adobe, pedra ou tijolos” (WEIMER, 2015, p. 102), como ilustra a imagem acima da primeira igreja construída em Estrela, assim como a da casa que serviu como igreja na localidade de Arroio do Ouro.

Na imagem acima, pode-se observar uma construção na técnica construtiva popular “enxaimel” que, conforme Stocker Jr. (2019, p. 94) a partir da chegada dos arquitetos alemães no Brasil- e dos ideais de germanidade- a paisagem das picadas começou a se transformar. As capelas primitivas, como a primeira que foi construída em Estrela, foram sendo substituídas ou complementadas por igrejas que se pretendiam “alemãs”. Se tal apontamento for posto em consideração, nas próximas imagens o leitor poderá observar que, pelo estilo arquitetônico das igrejas, todas tiveram acompanhamento de arquitetos.

Em territórios onde a imigração ocorreu de forma mais homogênea, tal como no município de Teutônia, distante 19 km de Estrela, na qual imigrantes são de origem Vestfaliana, a arquitetura é mais marcante. Esse não é no caso de Estrela, onde a imigração ocorreu de forma heterogênea (como é possível observar no quadro 1) e está alicerçada em diferentes nacionalidades. Por esse motivo, é difícil enquadrar o estilo arquitetônico das igrejas de Estrela, pela heterogeneidade da imigração. Weimer (2005, p.151) corrobora com isso exemplificando que existem “duas regiões geo-humanas separadas pela sede distrital: uma em direção ao Taquari, com uma população heterogênea e originária de várias regiões com uma parte das famílias com vivência no Brasil e, pelo lado oposto, as picadas mais novas, com imigrantes vindos direto da Vestfália”. Como “esse espaço foi dividido entre católicos e luteranos, os processos de adaptação social exigiam novos procedimentos, visando a uma integração com a sociedade majoritária, nesse caso, os luteranos ocupando um espaço que em seguida passou a ser dos católicos” (ATKINSON, 2014, p.179).

A igreja não existe mais e no local foi construída uma nova igreja no ano de 1916, conforme imagem abaixo:

Figura 13 – Igreja São Vito em Novo Paraíso



Fonte: O autor, 2019.

Além de ser chamada de picada grande, reportagem do Jornal A hora menciona o nome de Picada Dupla também é devido sua localização entre dois arroios, o arroio Boa Vista e Estrela. Além de ser dupla devido sua localização, na revista Ênfase cita ser dupla por haver a área onde predominavam os evangélicos e área onde predominavam os católicos. Na mesma reportagem do Jornal A hora, diz-se que no passado o atual distrito de Novo Paraíso foi cotado a ser área central do município de Estrela, porém isso não ocorreu pois era afastado do rio Taquari, principal meio para se locomover na época.

Então 5º distrito de São Leopoldo, o distrito que foi o primeiro a ser ocupado pelos imigrantes germânicos em Estrela no ano de 1856, também chamado de *Doppelpikade*, que significa picada dupla e que se tornou, efetivamente, distrito pela lei municipal nº 3.877, de 16 de julho de 2004. No local existe um monumento em comemoração aos cem anos de colonização na picada, com uma mensagem em “memória dos antepassados”. Atkinson (2014, p. 139) conta sobre “um monumento similar a este no município de Campo Bom, em memória da construção da primeira igreja alemã evangélica no Rio Grande do Sul no

centenário de sua construção-1828-1928”. Nesse município, assim como em Estrela, as cerimônias também eram ecumênicas, porém, o que difere é que “em Campo Bom a maioria dos imigrantes eram Luteranos e por isso eram os católicos que frequentavam os espaços dos luteranos, e não somente a igreja, o cemitério também era ecumênico” (ATKINSON, 2014, p.138). Isso ocorreu, pois a origem dos imigrantes era de locais diferentes dos imigrantes que aportaram em Estrela e esse talvez seja um dos motivos da maioria ser luterano. Entre as nacionalidades dos imigrantes de Campo Bom citados por Atkinson (2014, p. 135) “existem também aqueles que saíram da Prússia, como em Estrela, sendo que as nacionalidades da maioria dos imigrantes eram bem distintas dos colonizadores de Estrela”. É importante ressaltar que a colonização em Campo Bom se deu período anterior a Estrela pelo fato desse município se localizar próximo a São Leopoldo, que foi o ponto de partida da colonização germânica no Rio Grande do Sul.

Pesavento menciona que são “lugares, dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazem evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado” (2008, p. 3). A autora corrobora, ainda, que são representações que dão a ver um acontecido que a rigor não é mais verificável. Por não estarem no centro da *urbe*, estes monumentos passam despercebidos, dando uma impressão de que nesses locais nada aconteceu, sendo que na verdade, a picada foi a primeira a ser ocupada pelos imigrantes alemães em Estrela.

Figura 14 – Monumento ao lado da igreja católica de Novo Paraíso



Fonte: O autor, 2019.

Para Seemann (2003, p. 44) o “espaço é uma realidade que dura”. Para recuperar nosso passado, é preciso ver o “meio material” que nos cerca e onde a memória se conserva. O espaço, ou melhor, “nosso espaço”, é “aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que apareça esta ou aquela categoria de lembrança”. Este monumento, portanto, faz com que a memória da colonização de Estrela seja preservada de forma material.

3.3.2 Igreja luterana/ Picada Novo Paraíso (1862/1863)

Conforme consta na Revista Ênfase (2019, p.15), em 1862, os evangélicos construíram sua primeira capela, inaugurada em 18/02/1863, servindo também como primeira escola. A capela foi substituída em 1893, com o início da Revolução Federalista. A terceira capela evangélica teve sua pedra fundamental lançada em 03/12/1925 e já em 06/03/1926 estava pronta, num trabalho intenso de toda a comunidade. Uma hipótese para que a construção da torre tenha ocorrido posteriormente é pelo fato dos espaços luteranos não poderem ter aspectos religiosos, então eram usados como escola-capela, com características mais discretas. O adiamento da colocação dos sinos ficou por conta da alfândega. As torres e os sinos foram inaugurados em 18/05/1926. Pelo motivo da igreja ter passado por diferentes etapas de construção existe uma placa acima da porta de entrada com a data de 1893 e na torre, data de 1926, conforme imagem que segue:

Figura 15 – Igreja luterana em Novo Paraíso (1863/1893/1926)



Fonte: O autor, 2019.

Assim como na igreja católica de Novo Paraíso existe um monumento em alusão ao centenário da colonização, ao lado da igreja luterana existe um monumento similar, com a seguinte escrita em português: 1856-1956: *Homenagem aos nossos antepassados*. Em memória ao 1º centenário de colonização desta picada Novo Paraíso e à data de nascimento de Andreas Goellner em 30/12/1856. Em alemão: *unseren ahnen zumgedachtnis die im jahre 1856 als erste familien sich hier in Novo Paraíso ansiedelten und besonders dem erstgebormen dieser pikade Andreas Goellnerr am 30/12/1856*, e que pode evocar a identidade teuto-brasileira por estar em dois idiomas, o português e o alemão. Para a formação de um espaço de memória, são levados em consideração três critérios, e na imagem abaixo é possível observar estes três elementos associados, que são, 1) acontecimentos (no caso o primeiro nascimento na picada), 2) personagens (nesse caso, o bebê) e 3) lugares (POLLAK, 1992, p. 202).

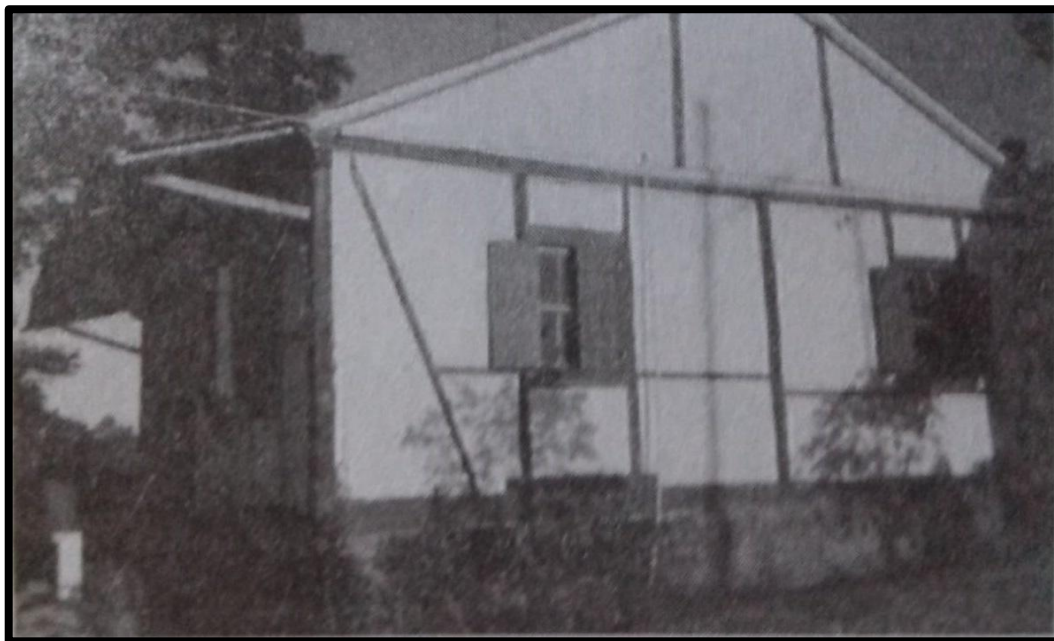
Figura 16 – Monumento ao lado da igreja luterana em Novo Paraíso



Fonte: O autor, 2019.

4.3.3 Igreja católica Arroio do Ouro (1860/1870)

Figura 17 – Primeira igreja em Arroio do Ouro



Fonte: Scheeren, 2010, Anexos, foto 79.

A casa que pertencia a Johann Adam Mallmann, construída na década de 1860/1870 foi ocupada para realização de missas, batizados e casamentos enquanto a comunidade não dispunha de um local próprio para os atos religiosos (SCHEEREN, 2010, p.15). A autora menciona que devido a distância de Taquari, a casa também serviu algumas vezes como local para transmissão de escrituras. De certa forma, chamou a atenção nessa picada as celebrações serem numa residência. Uma das hipóteses é de que nessa picada, se for levar em consideração a configuração atual da localidade, não são muitos os moradores e por isso a construção da igreja foi tardia. A construção da igreja atual teve início em 1953 e foi concluída em 1957.

3.3.4 Igreja católica Santo Antônio (matriz) (1873)

Figura 18 – Igreja atual no centro de Estrela



Fonte: O autor, 2019.

Em 31.12.1872 (data incerta) teve início a construção da igreja matriz (SPOHR, 2018, p.18) “a igreja localiza-se no bairro Centro, porém, passou por diversas ampliações e reformas. Conforme a igreja fora sendo construída, doações eram realizadas por parte dos membros da comunidade”. Spohr (2018) informa que em 31.12.1875 se mandaram fazer bancos de igreja, para os quais João E. Mallmann contribuiu com a quantia de 100 mil réis. Também foi doada à igreja matriz uma estátua de Santo Antônio de Lisboa pelo Sr. Vitor de Sampaio Mena Barreto. Esta obra é da fábrica artística de Mayr e Cia., de Munique, Bavária. É importante ressaltar que João E. Mallmann consta como patriarca na lista dos primeiros imigrantes de Estrela, conforme documentos do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, natural da Prússia, que chegou ao município com sua família formada por 12 pessoas, sendo 6 do sexo masculino e 6 do feminino no ano de 1856.

Em 31.07.1879, com o aumento da população, se resolveu aumentar a igreja matriz. Este aumento teve contribuição da população do lado esquerdo do rio Taquari, pois habitantes que ocupavam, onde atualmente é o município de Lajeado, atravessavam de canoa o rio Taquari para participar das celebrações religiosas. Isso aconteceu até 1880, “quando uma igreja então foi construída, cita que quase tão ampla como a daqui, em honra de Santo Inácio” (SPOHR, 2018, p. 24). Uma característica similar entre Estrela e Campo Bom: assim como os

moradores de Lajeado participaram das celebrações em Estrela, em Campo Bom, moradores evangélicos das localidades de Estância Velha, Hamburgo Velho, Dois Irmãos, Ivoti, Quatorze colônias, Picada 48, São José do Hortêncio e Linha Nova se deslocavam até Campo Bom, principalmente aos domingos, pois não havia igrejas em seus municípios (ATKINSON, 2014).

No ano de 1889, fez-se uma consulta com a diretoria para deliberar sobre obras na igreja. Sendo cada vez mais necessária a construção de uma torre onde possam ser suspensos os sinos, como ampliação da igreja, pois a população continuava a crescer. No dia 01.01.1890 o P. vigário pôs a pedra fundamental da torre direita da igreja. No dia 13.07.1890 realizou-se a colocação das santas cruzes nas duas torres. Pela primeira vez, em 30.07.1890, tocaram os sinos nas torres da igreja.

Na igreja matriz Santo Antônio, eram realizadas eleições políticas e em alguns momentos servia como espaço para reafirmar a identidade dos imigrantes. Em março de 1888, se realizou uma celebração com cantos, música, sermão fúnebre, como se costuma se fazer nas igrejas católicas da Alemanha por ocasião da morte do Wilhelm I, Rei e responsável pela unificação da Alemanha, a pedido de muitos alemães natos. “A igreja estava ornada para isso com coroas e ramos de palmeiras e estandartes” (SPOHR, 2018, p. 66).

Em 06.06.1901 fez-se a bênção solene do altar-mor da matriz. O altar é de cedro, ornado de esculturas douradas. A mesa do altar e as quatro colunas que o apoiam eram de mármore. Depois, “foi realizada uma procissão, do qual participaram cerca de 1.800 pessoas” (SPOHR, 2018, p.115). Em 05.12.1903 fez-se um inventário e nele constam equipamentos como lanternas e candelabros. Em 30.06.1918, se instalou energia elétrica na igreja. A instalação ficou sobre a responsabilidade do técnico Bruno Schwertner. Custou dois mil contos de réis. Relata que a luz elétrica é mais econômica e mais prática do que a luz acetileno.

No mesmo ano em que se instalou energia elétrica uma surpresa a grande parte da população. Desde que o Brasil declarou guerra contra a Alemanha, foi proibido o uso da língua alemã, de modo que grande parte da população que frequentava a igreja era imigrante ou descendente e não compreendia outro idioma. Os padres alemães deveriam ser substituídos por suíços e alemães naturalizados. A língua alemã também foi proibida durante o governo de Getúlio Vargas, com a campanha de Nacionalização (1937-1945).

No interior da igreja, é possível visualizar em um painel a estrutura utilizada na construção. No AHRs consta a planta da Villa de Estrella com a “rua da igreja”, que hoje é denominada Rua Júlio de Castilhos.

3.3.5 Igreja católica São Pedro/ Delfina (1926)

Figura 19 – Área central de uma picada teuto-brasileira: o caso de Delfina/Estrela



Fonte: O autor, 2019.

A Picada Delfina foi “aberta” em 11 de maio de 1885 por quatro famílias vindas de Dois Irmãos, à época pertencente a São Leopoldo. “Somente 26 anos após a picada ser ocupada, ou seja, 1911, foi fundada uma escola que também servia como capela para as orações da comunidade”, (SCHMIDT, 2012, p. 241) e por esse motivo está sendo contemplada, pois entra no período de abrangência do recorte temporal estipulado. A autorização da mitra para construção da capela atual ocorreu em 1921 e foi concluída em 1926.

Na imagem acima do atual distrito de Delfina é possível verificar a composição da região central da picada por capela no centro, escola e salão nas laterais e campo de futebol ao fundo, composição geográfica muito comum nas demais localidades de colonização germânica em Estrela, assim como em outras colônias alemãs.

Delfina foi elevada a distrito em 6 de setembro de 1985. Alguns depoimentos dão conta de que o nome é uma homenagem a uma parteira que viveu na localidade.

3.3.6 Igreja Católica São Francisco Xavier/ distrito de Glória (1898)

Figura 20 – Igreja atual em Glória



Fonte: O autor, 2019.

No interior da igreja, a uma placa informativa com o histórico da capela de Glória, tirado do arquivo paroquial de Estrela, onde consta que a 10 de julho de 1898 a nova capela de Glória, em honra de São Francisco Xavier com autorização do Exmo. Sr. bispo Diocesano pelo Revdo. Pe. Roberto Meyer foi benzida.

Essa igreja está construída “dentro” do cemitério e foi possível observar que de um lado estão sepultados imigrantes e descendentes de alemães (lado esquerdo da igreja) e de outro lado (lado direito da igreja) descendentes de portugueses. Foi possível observar pelos sobrenomes a quais grupos étnicos pertenciam os sepultados.

Se tratando de “cemitérios, “os grandes monumentos” são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados momentos os cemitérios refletem a estratificação social” (ATKINSON, 2014, p.175).

“Preservando os cemitérios, guarda-se a identidade cultural de um povo, seus meios de existências e todas suas criações e manifestações, criando um conceito mais profundo, o de

cidadania, que se explica no sentimento de pertencer a um grupo, comunidade, povo ou nação” (ATKINSON, 2014, p. 181). Nesse sentido, “os cemitérios, também chamados de necrópoles, não é apenas um lugar dos mortos, mas sim dos vivos e dos mortos”. (ATKINSON, 2014, p.180).

Glória se tornou distrito em 20 de outubro de 1992 e o nome foi uma homenagem a Maria da Glória, filha primogênita do fundador de Estrela Antônio Vitor de Sampaio Menna Barreto, nascida em 1852.

3.4 O papel das igrejas na memória social de Estrela

A partir das informações compartilhadas acima, é possível tecer algumas inferências sobre o papel social das igrejas na constituição da memória social de Estrela. Assim como nas demais colônias germânicas, as igrejas tinham papel central nas relações sociais que se estabeleceram no “Novo Mundo” a partir do vínculo religioso dos imigrantes na criação de comunidades e do trabalho coletivo, que envolvia também o custeamento e doação de materiais para a construção dos templos religiosos. Tais elementos, que se dão a ver ainda na atualidade, são perceptíveis pelos nomes de famílias que buscavam se perpetuar nos vitrais da igreja matriz Santo Antônio, nos monumentos em comemoração ao centenário da colonização de Estrela (1856-1956) junto do cemitério (e não em uma praça de cunho público), na arquitetura em estilo enxaimel (reproduzida até hoje em pórticos) e nos rituais realizados nas igrejas, em detrimento de outros espaços.

Nesse sentido, esse capítulo permitiu apontar as igrejas como espaços centrais para manutenção da vida comunitária no período de colonização, fato que se modificou na atualidade, com o deslocamento desses elementos e práticas para outros locais da cidade. Assim, compreende-se que as igrejas podem ser símbolos da manutenção da memória social sobre a religião da imigração germânica em Estrela.

Conforme aferiu-se, “no contexto de imigração e migração na cidade de Estrela, os laços religiosos são de suma importância para a formação de novos vínculos sociais e identitários” (SANTOS; CECCHETTI, 2015, p. 6). O fenômeno religioso foi, ao mesmo tempo, individual e social, pessoal e comunitário. No seu seio há sempre uma incessante interrelação e interação do indivíduo com o grupo social e vice-versa.

Quando existe transparência nas relações sociais, verifica-se uma tendência para o desaparecimento das mediações simbólicas (ritos e rituais) que regulam as interações sociais, pondo em causa a existência de espaço público e por isso a importância das igrejas, para

aproximar as pessoas do contexto histórico (CASTRO, 2002, p.61). Esses espaços citados anteriormente vinculados com o “caráter nacional” dos imigrantes são “chamados de lugares de cultivo da vida social e também tinham como função a atualização de uma identidade culturalmente marcada pela germanidade e sua reconfiguração na nova pátria (*neue heimat*)” (SEYFERTH, 2004, p. 158).

De acordo com Halbwachs (2006, p. 136) “se entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental e efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seus quarteirões, sua cidade e reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente”; no entanto as pedras consentem ser transportadas, “não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens”. A memória, portanto, “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9).

A memória social é garantida pelos quadros sociais da memória, entendidos como “um sistema de valores que unifica determinados grupos familiares, religiosos, de classe” (HALBWACHS apud DODEBEI; GONDAR, 2005, p. 8). O mesmo corrobora que é necessário um mundo com fronteiras bem assentadas, coletividades com um fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes. Com base no que foi mencionado no trecho anterior, é importante ressaltar que esta construção de memória social leva um tempo até ser constituída pelas diferenças culturais existentes entre os recém-chegados imigrantes que ocupam os novos territórios, o que possivelmente não teria sido diferente no caso de Estrela. A ação social só pode ser obtida pela interação dos três aspectos: social, psicológico e cultural. A perceptibilidade dessa interação, advinda “no recorte de uma ação social, pode ser conferida pelas marcas e vestígios produzidos por ela, que são materiais visíveis ou duráveis resultantes de uma ação social qualquer, se quisermos usar o conceito antropológico, a chamada cultura material” (DURAN apud DODEBEI; GONDAR, 2005, p. 50). Neste sentido, as igrejas que são utilizadas como objeto de estudo desta pesquisa são resultado da ação social dos imigrantes e podem ser consideradas.

4 ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: UMA PLATAFORMA DIGITAL DAS IGREJAS DE ESTRELA (1856-1922)

A partir da experiência do autor como docente do componente curricular de História nos níveis de ensino fundamental e médio, foi possível apontar a importância do uso de recursos digitais interativos como forma de aproximar os alunos da história e da memória de cidades. Nesse sentido, a presente seção discute o uso de fontes atuais e recursos tecnológicos (Google) com registros históricos (mapas e fotografias). Além disso, e, principalmente, apresenta a plataforma digital elaborada como produto final da dissertação.

4.1 Memória, cartografia e humanidades digitais: uma abordagem possível

Ao longo do tempo, as cidades crescem e se transformam. Os mapas urbanos de uma determinada cidade têm o poder de mostrar e projetar essas mudanças, que não são, portanto, somente um desenvolvimento “natural” da cidade. Fialho (2010, p.15) relata que a “utilização da cartografia permite envolver várias temáticas como representação, memória, imaginário, imagem e produção do espaço urbano”. A utilização da cartografia, serve como ferramenta, para preservar a memória da cidade, para manter referências, ter um sentido de lugar. Desta forma:

Cada vez mais as relações entre História e Imagem têm proporcionado uma ampliação desses campos de estudos. As fontes da História, tradicionalmente focadas no documento escrito defrontam-se com outras linguagens pelas quais se representa o real e que se tornam também o objeto da História. (FIALHO, 2010, p. 14).

Uma das formas de perceber a territorialização dos movimentos migratórios, que são sempre também movimentos identitários, se dá a ver em registros cartográficos, priorizados como fonte nesta pesquisa para realizar o mapeamento no sentido de avançar do descritivo para o visual. O texto descritivo, apesar de sua força de descrever, explicar e discutir fontes, acontecimentos, argumentos e metodologias, apenas representa uma estrutura linear com a sua sequência unidimensional de frases, o que pode ser “penosamente insuficiente para discutir sobre lugares, regiões e relações espaciais” (MONMONIER apud SEEMANN, 2003, p. 45). Daí a necessidade de se organizar em duas dimensões, isto é, em formas de mapas.

Ao longo do tempo, os mapas das cidades mostraram suas ruas, seus prédios, igrejas, pontes, seu espaço abrangente, seus limites geográficos e políticos. Suas culturas urbanas

foram, assim, modeladas, formatadas pelo modo como o espaço foi organizado. E foi a “cartografia, como uma gramática do espaço, que ordenou, classificou, normatizou e organizou o espaço urbano, de acordo com regulações cartográficas definidas historicamente, isto é, de acordo com as regras dominantes em determinado tempo e lugar” (FIALHO, 2010, p.19).

Tradicionalmente, os mapas cativam por sua concepção artística ou por suas bases técnicas, mas o fascínio torna-se maior quando as duas coisas são levadas em conta ao mesmo tempo, aumentando ainda mais a força com que revelam universos culturais em constante transformação e conflito. “Os mapas respondem, assim, à necessidade de descrever, entender e controlar o mundo. Os mapas não são um “espelho” do lugar” (FIALHO, 2010, p.25) ou reproduções da realidade ou, ainda, cópias em escala reduzida de uma parte do mundo sensível. Eles são representações da realidade, culturalmente construídos a partir de escolhas e opções sobre o que representar, como e com que finalidade (CASTRO *apud* FIALHO, 2010).

Quando descritas, as informações não têm o mesmo efeito do que quando são transferidas para uma planta da cidade onde podem se tornar bem mais concretos e imagináveis e que pode presentear o leitor com uma informação logicamente organizada e prontamente acessível (MONMONIER *apud* SEEMANN, 2003).

O trabalho, assim, foi conduzido pelas orientações teóricas das chamadas “humanidades digitais”. Conforme cita Pimenta (2016, p. 21) “a ciência, grosso modo, se tornou cada vez mais alicerçada em recursos tecnológicos que garantem não apenas sua divulgação, circularidade e dinâmica produtiva como também de inovação”. É com esse viés de inovação que a utilização de uma plataforma digital do município de Estrela será possível compreender alguns fatores que motivaram os colonos imigrantes a ocuparem determinadas áreas, muitas delas, afastadas umas das outras. “O mundo onde se forma o manancial de informações é chamado de Ciberespaço, um espaço de comunicação navegável e transparente centrado nos fluxos de informação” (LÉVY *apud* SANTAREM, 2017, p. 35).

Tecnologias digitais como as redes sociais surgiram significadamente como promotoras da cultura e identidade de cada localidade, pois se tornaram a principal janela de prazer e lazer a qual a sociedade dedica grande parte do seu tempo (HOLGUÍN, 2019)¹⁹. Nesse processo “a internet surge como uma ferramenta muito influente na construção da

¹⁹ Las tecnologías digitales como las redes sociales han emergido de modo significativo como promotor de la cultura e identidad propia de cada localidad, dado que se han convertido en la principal ventana para el placer y ocio a la que la sociedad dedica buena parte de su tiempo (HOLGUÍN, 2019, p. 78).

autoimagem, com base no poder que é promovido com o apoio de tecnologias, e em particular, de redes sociais” (HOLGUÍN, 2019, p. 79)²⁰.

Conhecida igualmente como *Computing Humanities*, as Humanidades digitais configuram-se, portanto, como uma espécie de campo híbrido não apenas de estudo e pesquisa, mas de ensino e, principalmente, de acesso à informação e inovação (PIMENTA, 2016, p.22). A emergência das humanidades digitais no cenário científico mundial é reflexo da escolha “da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação do conhecimento” (THATCAMP apud PIMENTA, 2016, p. 25).

Conforme Santarém (2017, p. 14), a sociedade convive atualmente com uma infinidade de interfaces tecnológicas que permitem não apenas a preservação de registros informacionais em redes de comunicação, mas também o seu acesso instantâneo e constante. O autor menciona que o meio digital tem tido como recurso para preservar e divulgar qualquer tipo de registro documental. Sobre a utilização das plataformas, Dodebei e Doyle (2015) escrevem o seguinte:

As plataformas de compartilhamento não são somente uma cena ou uma tela onde se repassam as lembranças, elas são também o meio pelo qual acontece essa fabricação da memória. Demonstrando que o ciberespaço não é desligado de outras mídias, movimentos políticos ou ideológicos que motivam a sociedade (DODEBEI; DOYLE, 2015, p. 82).

Existem três hipóteses de processos diferentes de memoriais ou memoração, sendo que a digital, está contemplada na terceira fase, são eles: 1) dissolução de memória, transmitido de forma oral e que não gera registros memoriais, sendo que nessa modalidade o grupo social as incorpora e as transforma cedendo espaço para novas memórias. 2) o segundo modelo é o de soma, adição, na qual a sociedade cria, com a ajuda da escrita 3) a última forma, de memoração, está o hibridismo, misto de dissolução e acumulação e, que “neste modo de produção, existe uma interação homem-máquina e incorpora as memórias artificiais a chamada memória eletrônica. Se na mídia elas podem se dissolver, por outro lado podem contribuir para acumulação, ou seja, reprodução em várias mídias” (DODEBEI; DOYLE, 2015, p. 5).

Assim como a representação do patrimônio no formato digital garante sua proteção contra o perigo da perda, um dos outros benefícios é a utilização das imagens em plataformas para representar ao mundo a realidade através das imagens:

²⁰ En dicho proceso, Internet emerge como una herramienta muy influyente en la construcción de la autoimagen a partir del poder que socare promueve con el apoyo de las tecnologías y en particular de las redes sociales (HOLGUÍN, 2019, p. 79).

É aqui que surge um novo cenário que é “virtualizado” pelas tecnologias e pela mídia digital para tentar representar o mundo e a realidade humana através de imagens. É uma situação evolutiva na última década, onde importantes transformações foram experimentadas em todas as áreas da sociedade (HOLGUÍN, 2019, p. 81)²¹.

Outro aspecto positivo citado por Holguín (2019, p. 81) em seu estudo “é que paralelo ao uso das imagens é o complemento com a interação “textual””. Tendo em vista que a plataforma virtual surge em um momento em que vivemos no virtual, em que as metodologias ativas estão presentes, a plataforma também pode contribuir com os diferentes tipos de aprendizagem onde se tem o imagético e o textual interagindo com o conteúdo.

Em muitos casos, pesquisadores se apoiam quase exclusivamente nos relatos verbais e escritos de fontes secundárias, sem visitar o próprio lugar onde aconteceram esses fatos. A espacialização dessas informações poderia estimular as lembranças e a imaginação das pessoas que teriam uma oportunidade de reviver seu passado (SEEMANN, 2003, p. 46) e por esse motivo, optou-se nesta pesquisa em utilizar textos e imagens para aproximar o leitor dos espaços de memória alinhado ao uso de tecnologia como escolha para difusão do conhecimento.

4.2 O uso de recursos digitais em sala de aula

A nova BNCC (Base nacional comum curricular), competência geral nº 5 sobre a cultura digital em sala de aula:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2020).

Conforme Ramos (2012, p. 5) “com a tecnologia presente no contexto escolar, o quadro de giz e livros não são mais os únicos instrumentos para dar aula”. Sendo necessário desenvolver um conjunto de atividades didático-pedagógicas a partir das tecnologias disponíveis na sala de aula e as que os alunos trazem consigo.

Os “recursos digitais tornaram-se estruturantes e mediadores do processo ensino e aprendizagem, no qual cada professor e alunos são elementos indispensáveis para a

²¹ Es aquí donde surge un nuevo escenario que es “virtualizado” por las tecnologías y los medios digitales para intentar representar al mundo y la realidad humana a través de las imágenes. Se trata de una situación evolutiva en la última década, donde se han vivido importantes transformaciones en todos los ámbitos de la sociedad (HOLGUÍN, 2019, p. 81).

construção do conhecimento, trabalhando em conjunto” (FRANCO, 2013, p. 1). Chamadas de RED (recursos educativos digitais), “para explorar novos métodos, recorrendo a animação, a simulação, a interactividade, a modelação, a combinação de imagens, ao vídeo, ao som e ao texto” e que possibilitam a articulação entre as distintas áreas educativas (FRANCO, 2013, p. 3).

Holguín (2019, p. 81) cita em seu estudo que “paralelo ao uso das imagens está o complemento com a interação “textual””. Tendo em vista que a plataforma virtual surge em um momento em que vivemos no virtual, em que as metodologias ativas estão presentes, a plataforma também pode contribuir com os diferentes tipos de aprendizagem a partir dos quais o imagético e o textual interagem com o aluno.

Portanto, se por um lado os recursos digitais são atrativos, “proporcionam aumento da rentabilidade, diversificam as metodologias existentes, possibilitam e comunicação entre alunos geograficamente distantes e estimulam a interdisciplinaridade”, por outro lado, eles exigem formação para sua aplicabilidade (FRANCO, 2013, p. 20).

4.3 A plataforma como produto final

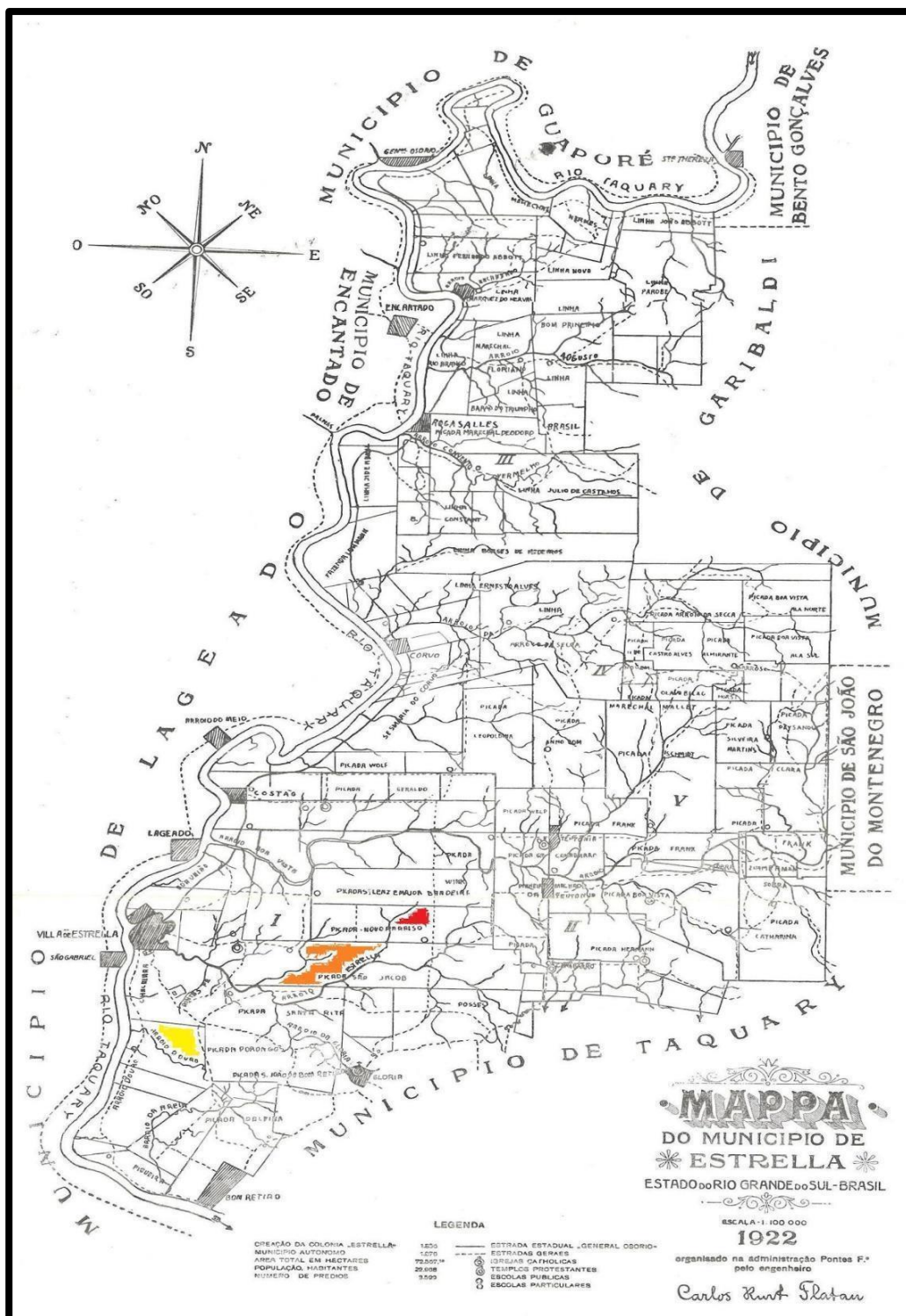
Como forma de resolver o problema anunciado, lança-se mão da minha experiência como professor graduado em História, a partir da qual foi possível apontar tanto a lacuna de estudos que problematizam a colonização germânica quanto a importância do uso de recursos digitais interativos como forma de aproximar os alunos da história e da memória de cidades. Existem estudos realizados sobre a história local de Estrela, como já mencionados anteriormente, porém, predomina a ausência de recursos didáticos digitais nas escolas da região do Vale do Taquari. Na plataforma digital, são apresentadas e analisadas as igrejas que foram instaladas no município quando de sua colonização (1856-1992), no qual constam os nomes das picadas da época da colonização, como forma de induzir reflexões sobre as mudanças espaciais e identitárias, bem como o papel das igrejas na construção da memória social. O público-alvo da plataforma digital são alunos e professores de Ciências humanas, prioritariamente de História e Geografia, podendo ser utilizado por outros profissionais afins, em todos os níveis de ensino. Após a conclusão da plataforma, será elaborado um projeto de divulgação, prioritariamente, junto às escolas do Município de Estrela/RS, assim como oficinas para indicação de uso da plataforma em sala de aula.

4.4 Mapas utilizados

A plataforma foi desenvolvida com a utilização de um mapa²² do município de Estrela datado de 1922 onde constam as colônias, também chamadas de “picadas” além das igrejas católicas e luteranas existentes no período. A escolha deste mapa foi devido a sua data de elaboração, se tratando do mapa mais antigo encontrado. Além do mapa de 1922 foi utilizado um mapa do google maps (imagem de satélite) para compreender as atuais dimensões territoriais de Estrela, que se alteraram dentro do recorte temporal levado em consideração, conforme figura 21, a seguir:

²² O mapa original encontra-se na mapoteca do ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Mapa nº 455, móvel 05, gaveta 03.

Figura 21 – Mapa de Estrela de 1922



Fonte: Schierolth, 2002, p. 20.

Figura 22 – Mapa atual do município de Estrela



Fonte: Google Maps, 2020.

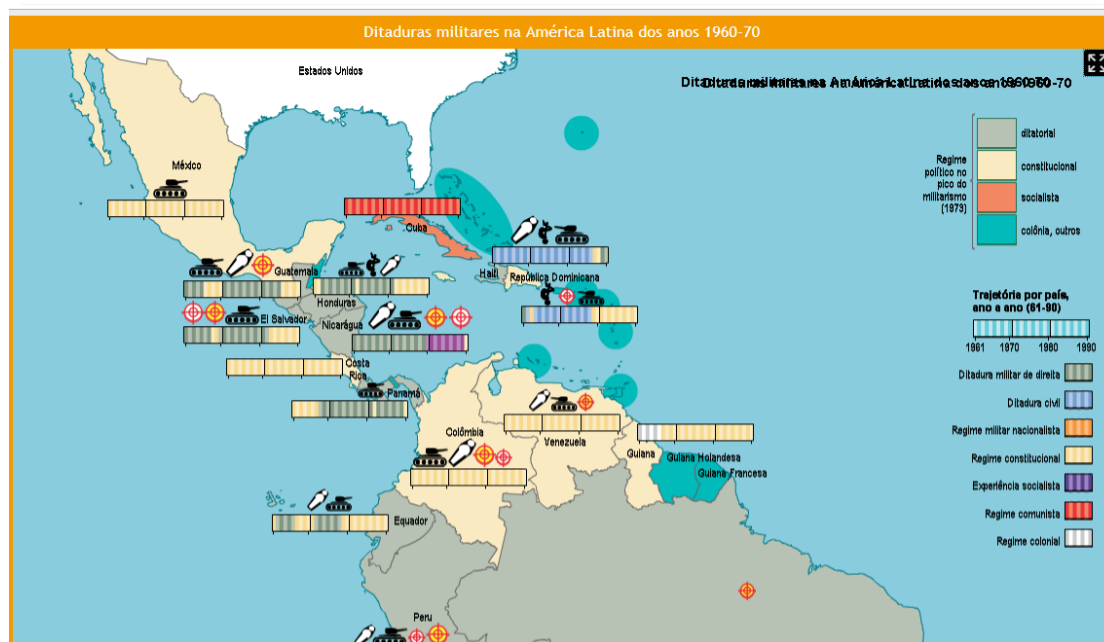
4.5 Descrição da plataforma

O conteúdo da plataforma é um compilado de informações desta dissertação, tendo em vista a contextualização histórica e geográfica da colonização germânica em Estrela a partir da data de construção das igrejas católicas e luteranas presentes no atual território de Estrela como fator determinante para compreendermos de que forma o município foi se constituindo.

Para realização da plataforma foi selecionado um profissional da área da TI, Crystopher Carvalho, que utilizou o programa Figma para realizar a indicação das picadas no mapa de 1922. Giovanna Adam Ferreira, graduanda do curso de História/Unilasalle por indicação da orientadora, Danielle Heberle Viegas, desenvolveu o site e inseriu as informações das igrejas no mapa atual.

Existem concorrentes com produtos similares, porém, não abordando a mesma temática da pesquisa. É o caso do Atlas Histórico do Brasil que serviu de inspiração para a realização da referida plataforma.

Figura 23 – Exemplo de modelo similar à plataforma desenvolvida



Fonte: Atlas histórico do Brasil, 2018.

A plataforma digital é composta por 11 páginas. Na imagem abaixo é possível observar a página de abertura e, na parte superior da imagem é possível observar os títulos que cada página recebe. Trataremos a página inicial como **Página 1**, e na sequência, uma breve contextualização do conteúdo de cada página da plataforma digital.

Figura 24 – Página inicial da Plataforma digital: Entre mapas e Memórias: as igrejas de Estrela/RS



Fonte: O autor, 2020.

Página 2: Você sabia?

Nessa página foram inseridas algumas perguntas para instigar o acesso às páginas seguintes, sendo elas: - [você sabia] que o município de Estrela ocupava um território maior que o atual? [você sabia] que nem todas as religiões eram permitidas? [você sabia] que o nome dos lotes abertos pelos colonizadores germânicos eram chamados de picadas?

Página 3: Por que as igrejas?

Foi justificado porque as igrejas foram objeto de estudo desta pesquisa.

Página 4: Onde ficavam as igrejas?

Foi conceituado o termo “picada”, termo adotado nesta pesquisa para se destinar aos territórios ocupados pelos colonizadores germânicos em Estrela.

Página 5: Os mapas contam história

Foi utilizada uma citação em alusão a importância da cartografia.

Página 6: Teuto-brasileiro?

Foi realizada a contextualização do termo.

Página 7: Mapa interativo das igrejas (atual)

Realizado no *Google Maps*, foi indicado a localização atual das igrejas contempladas no recorte temporal estabelecido com um breve histórico.

Página 8: Mapa interativo das picadas (1922)

Contextualização das primeiras picadas com base no mapa de 1922, seguindo uma ordem cronológica de construção das igrejas.

Página 9: Dicas

Foram incorporadas algumas temáticas na qual a plataforma poderá contribuir, sendo elas: Imigração, Primeiro e Segundo reinado no Brasil, República Velha, Arquitetura, Identidade cultural, religião e colonização, história local de Estrela e Vale do Taquari. assim como o link de acesso a dissertação.

Página 10: Créditos

Informação dos profissionais que desenvolveram a plataforma e um texto com considerações finais sobre a plataforma.

4.6 Validação da plataforma com o público-alvo

No dia 27 de maio de 2020, uma semana após o feriado de aniversário de emancipação do município, 20 de maio, as professoras Daiana Schneider e Grasiela Arenhaldt Bruch, do 3º ano do ensino fundamental do Colégio Santo Antônio, de Estrela, realizaram um convite para participar de uma aula virtual, com a ferramenta do Google Meet, devido a pandemia da Covid-19. Aula, sobre uma breve introdução do histórico de Estrela teve ênfase nos distritos e, na ocasião, foi apresentada a plataforma aos alunos. Foi a primeira experiência, sendo que a plataforma não estava concluída.

A professora Grasiela, titular de uma das turmas do 3º ano, fez um relato da experiência, apresentando quais os objetos do conhecimento (conteúdos) que foram contemplados com a utilização da plataforma e que precisam ser abordados no ano em que atua como professora de acordo com a nova BNCC (Base nacional comum curricular) conforme é possível ver abaixo:

Contribuições da Live/conversa com o Professor Josemir sobre a história de Estrela, para as turmas dos 3º anos.

No dia 27 de maio de 2020, as turmas dos 3º anos do Ensino Fundamental do Colégio Santo Antônio de Estrela, participaram de uma Live/conversa com o professor de História do CSA, pesquisador e mestrando Josemir José Gregory. Na oportunidade o professor aprofundou os conhecimentos referentes à História do município de Estrela, no qual, as turmas já vêm

estudando e pesquisando ao longo do mês de maio. O professor colocou um pouco daquilo que vem pesquisando, ou seja, as primeiras ocupações de terras, a imigração, a formação de comunidades, desde 1794, bem antes de Estrela se emancipar.

A conversa com o professor Josemir, contribuiu muito com o nosso trabalho, com os objetivos que a turma precisa alcançar, dentro dos Objetos dos Conhecimentos e habilidades referentes a BNCC, a serem trabalhadas ao longo do 3º ano. Dentre elas estão:

- O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios:
 - Os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive: reconhecer a história e a importância dos povos nativos, imigrantes e migrantes que formaram sua cidade, através da história dos primeiros habitantes e imigrantes que ocuparam as terras;
 - Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.
 - Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
- Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive: - identificar aspectos do “Patrimônio Histórico”, dos lugares/coisas e as práticas culturais, costumes que os constituem em sua cidade, a partir da demonstração das igrejas, monumentos, marcos históricos;
- Representações cartográficas:
 - Demonstrar sentido de orientação, direção e localização, empregando, nessas construções, vocabulário geográfico apropriado;
 - Compreender e aplicar noções conceituais de centro e periferia, limites e fronteiras, a partir dos contornos de representações elaboradas e produzidas, a partir do mapa apresentado dos distritos (localidades) de Estrela;
- A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.):
 - Identificar e reconhecer dados sobre a história da localidade (escola, bairro e/ou município): origem do nome, data de criação, localização geográfica, etc.).
 - Reconhecer, registrar e valorizar o patrimônio histórico de seu município.
 - Identificar os povos indígenas que habitavam o sul do país anterior à chegada dos portugueses e à ocupação jesuítica.

· A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças:

- Valorizar o trabalho das pessoas que construíram a história da sua comunidade, bairro e/ou cidade, reconhecendo a importância dos mais diversos ofícios, profissões e funções públicas. Penso que as contribuições dadas pelo professor Josemir foram de grande valia ao nosso fazer pedagógico, pois ele apresentou detalhes da história que nós professoras desconhecíamos, informações que não temos acesso na hora do planejamento das aulas. Acredito que este é um tema que deveria ter uma divulgação maior, começando pela valorização do mesmo, pelo poder público, em querer divulgar a sua história, que tem uma importância considerável e poucas pessoas se dedicam ao seu estudo.

Através desse relato, optou-se também por inserir na plataforma o endereço digital da minha pesquisa realizada na graduação em licenciatura de História pela Univates, que contextualiza o período que antecede a colonização germânica, intitulada “Fazenda da Estrella: um estudo de caso envolvendo posse territorial e negociações no Sul do Brasil durante o século XIX”, somada à presente dissertação.

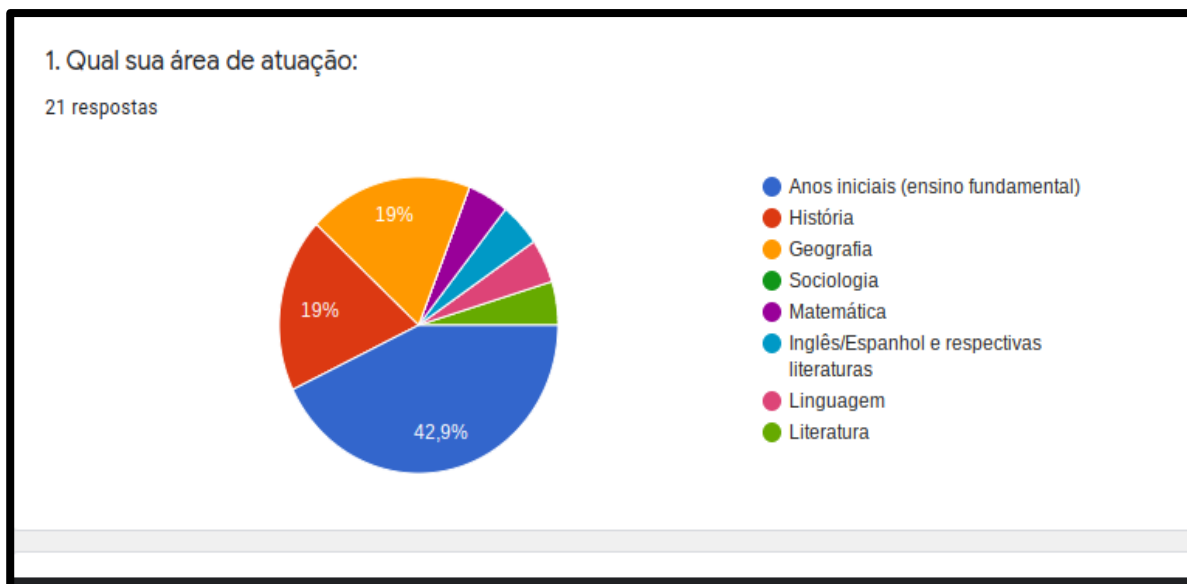
Além deste relato, foi elaborado um formulário que foi enviado a 3 grupos pedagógicos via *whatsapp*, sendo duas escolas públicas (estaduais), uma de ensino fundamental e médio, e outra apenas de ensino médio, assim como para um grupo de colégio particular, contemplando anos iniciais, ensino fundamental e médio. Junto com o formulário, foi enviado o link da plataforma, para que os professores, antes de responderem, tivessem uma experiência com a plataforma.

O formulário, com o título da plataforma **Entre mapas e memória: as igrejas de Estrella/RS** possui a seguinte contextualização para aqueles que responderam ao questionário:

“Este formulário busca avaliar sua experiência sobre a utilização da plataforma digital desenvolvida pelo mestrando Josemir José Gregory sobre as igrejas de Estrella. As igrejas são um importante patrimônio material que marcam quais foram as primeiras “picadas” ocupadas desde o início da colonização germânica em Estrella, sendo que estão apresentadas em uma ordem cronológica conforme foram sendo construídas. O questionário é anônimo e poderá ser respondido em poucos minutos. Desde já, agradeço sua contribuição”.

O questionário foi respondido por vinte e um professores, das áreas expostas no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Área de atuação dos professores que responderam o questionário



Fonte: O autor, 2020.

Como pode-se observar no gráfico, a maioria das respostas é de professores dos anos iniciais, que compreende o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, seguidos de professores de História e Geografia, de ensino fundamental e médio, e outras áreas, especificadas abaixo:

- 9 professores de anos iniciais;
- 4 professores de História;
- 4 professores de Geografia;
- 1 professor de literatura;
- 1 professor de linguagem;
- 1 professor de matemática.

Nas questões de 2 a 7, as respostas estavam numa escala de 1 a 5, conforme se pode observar no quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Formulário enviado a professores

Questão	Discordo	Discordo parcialmente	Não sei opinar	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
2. A plataforma é fácil de entender	0	0	1	6	14
3. A plataforma é fácil de entender	0	0	0	5	16
4. As informações são claras e objetivas	0	0	1	4	16
5. As informações são relevantes	0	0	0	4	17
6. Eu usaria essa aplicação no meu trabalho	0	0	3	3	15
7. Eu recomendaria essa aplicação para outras pessoas	0	0	0	2	19

Fonte: O autor, 2020.

Como se pode observar, a maioria dos professores concordou que a plataforma é de fácil utilização, possui uma linguagem clara, poderá contribuir com suas práticas e que seria recomendada para outras pessoas.

A questão 8, chamada “utilize este espaço para considerações e sugestões”, cinco professores responderam da seguinte forma:

1. Esta plataforma vai auxiliar muito no nosso fazer pedagógico, em que trabalhamos a história do município de Estrela. Um recurso que deixará a nossa aula mais atrativa e significativa.
2. Em relação a plataforma eu achei uma ferramenta fantástica pena que não conhecia ela antes para trabalhar, eu vou continuar utilizando-a depois com certeza.
3. Em relação ao site, levaria em conta diminuir a fonte do texto, utilizar as imagens que estão nos mapas, apresentar subtítulos em cada parte do site, e.g.: “Você sabia?”, “dicas”, entre outros. Em relação ao mapa de 1922, seria interessante visualizar todo o mapa, depois ir por partes. Também sugiro rever a fonte utilizada no mapa, pode se tornar difícil de compreender para algumas pessoas. Adorei a proposta e, com certeza, adoraria trabalhar com a temática na minha área de atuação.
4. Adorei a plataforma!!! Válida para os alunos e para nós professores que trabalhamos o município em sala de aula.
5. Faltaram várias igrejas.

É importante ressaltar que as fontes utilizadas no mapa de 1922 foram alteradas, sendo que foram utilizadas as mesmas fontes em todo o site para manter uma padronização. Sobre a falta de várias igrejas apontadas em uma resposta, é importante enfatizar que só foram contempladas as igrejas que estão contempladas no recorte temporal de 1856 até 1922, sendo que essa informação também aparecerá no site. Link de acesso ao formulário:

https://docs.google.com/forms/d/1X6Px1lbncar8NUoeXAsQUTv8hb4DfC-hGPy2Njx_ZDo/edit#responses

4.7 Hospedagem virtual e manutenção

A plataforma estará disponível na plataforma Google, e poderá ser utilizada pelo computador, ou celular, sendo de acesso universal. As decisões acerca de hospedagem e manutenção foram no sentido de tornar a plataforma acessível, para que, principalmente, possa ser utilizada de forma simples no âmbito escolar, tornando o acesso facilitado aos professores e alunos. Link de acesso para a plataforma:

sites.google.com/unilasalle.edu.br/plataformaestrela

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: quais os elementos permitem identificar as igrejas de Estrela/RS como espaços de memória da colonização germânica no Vale do Taquari? Para construir a resposta a esse problema, os dois capítulos iniciais foram fundamentais. O capítulo intitulado “Memória social dos teuto-brasileiros no Sul do Brasil”, que analisou o quadro social de memória para além das igrejas, permitiu situá-las perante tantos outros símbolos citadinos que ocupam o espaço público e constroem o jogo de memória sobre colonização germânica na região do Vale do Taquari, envolvendo várias práticas celebrativas, tais como festividades, monumentos, roteiros turísticos, nomenclaturas comerciais, obeliscos, entre outros. Constatou-se que as igrejas estão minimizadas frente a edificações e práticas elaboradas a partir da década de 1990 e que ocupam lugares estratégicos na cidade, como a entrada principal. Além disso, se valem de estereótipos alinhados a uma construção social mais ampla sobre a germanidade no Sul do Brasil, como procurou-se demonstrar.

Já o terceiro capítulo chamado “As igrejas de Estrela como espaços de memória: ontem e hoje”, trouxe respostas pontuais ao problema de pesquisa. Neste trecho da dissertação, desvelaram-se símbolos que se relacionam diretamente às igrejas à presença germânica na cidade, como nomes de patriarcas de famílias de origem germânica nos vitrais das igrejas, monumentos em comemoração ao centenário da colonização em um cemitério, entre outros exemplos. Ao mesmo tempo, as igrejas na atualidade são frequentadas por parte da população e não são tratados como espaços de memória pois continuam sendo espaço de celebração de rituais religiosos, ou seja, nestes espaços se mantiveram relações de interação social.

Em suma, foi possível inferir que este jogo de memórias sobre a colonização germânica não é homogêneo e trata-se de uma construção de práticas e costumes constantemente reelaborados em relação aos outros grupos étnicos em Estrela, mas, também, em relação à própria germanidade e suas distintas formas de manifestação. As igrejas, neste verdadeiro “quebra-cabeça” que é uma cidade no tempo e no espaço, são uma parte essencial deste mosaico.

A colonização germânica em Estrela, que teve início em 1856, foi marcada pelas construções das igrejas nas primitivas picadas e até hoje são um forte indício das primeiras localidades que foram sendo ocupadas pelos imigrantes/colonos germânicos. Além das igrejas, em Estrela existem dois colégios privados que estão vinculados ao campo religioso.

Um de cunho católico, o Colégio Santo Antônio, fundado em 1898, e o colégio Martin Luther, fundado em 1904, luterano. Com estes exemplos, pode-se perceber que o campo religioso, para além da fé, influenciou na educação dos imigrantes/migrantes que chegaram a Estrela, pois ambos eram administrados pelas igrejas católicas e luteranas.

Também foi possível constatar um alinhamento com outros municípios relacionados à colonização germânica no Vale do Taquari, que igualmente buscam a revalorização de uma identidade étnica preponderando sobre outras através de diferentes monumentos e festividades, alinhados a uma mercantilização do turismo. Vale ressaltar e justificar a utilização do termo *revalorização*: estamos tratando de um município que enfrentou uma dura campanha de nacionalização durante o governo varguista e que em seguida, restaurou práticas e monumentos, de forma estereotipada para reforçar o campo turístico como fonte econômica. Porém, na prática, não existe a valorização, com investimentos e iniciativas do poder público nem privado para manutenção do patrimônio relacionado a estes e isso se dá na ausência de patrimônio histórico relacionado a colonização germânica.

Tal fato motivou a construção de uma plataforma digital para problematização da memória da colonização germânica no Estado do Rio Grande do Sul, em específico, o caso de Estrela. Ainda que não previsto durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa, a proposta ganhou envergadura e importância singular no momento atual, visto em que o ensino no Brasil, assim como em outros países, passou a ser em formato virtual devido a Pandemia Covid-19, desde o mês de março/2020, sendo que essa pesquisa teve início em agosto/2018. De certa forma, tal situação impôs ao contexto educacional uma série de metodologias digitais para as quais esta plataforma poderá contribuir ativamente. Conforme Pimenta (2016, p. 5): “a informação em seu formato digital juntamente com os objetos técnicos mediadores dessa mesma compõem, portanto, o conjunto “novo” e estruturante de elementos que interferirão no conhecimento sobre o homem em sociedade e seus fenômenos socioculturais”.

O conteúdo da plataforma visa colaborar para compreender de que forma sobreveio a formação espacial e social de Estrela indicando que, a trajetória de novos sujeitos em uma cidade, seja ela espontânea ou planejada, criem uma cartografia própria e que é infactível de ser vivenciada por dois sujeitos da mesma forma (DAMIN et al., 2018). Isso não acontece somente com pessoas vindas de fora, os próprios moradores de cada município têm uma concepção diferente do lugar de onde vivem e uma das coisas, que como professor de História foi possível observar, é que na maioria das escolas, o estudo sobre as cidades é muito precoce, assim como a História do Rio Grande do Sul, ou seja: os alunos criam um imaginário sobre monumentos existentes que são apenas uma parcela dos espaços de memória existentes,

usualmente aqueles que buscam enaltecer personagens políticos. A plataforma, que foi visualizada por professores de ensino fundamental e médio, de diferentes componentes curriculares, e em seguida avaliada através de um formulário, recebeu algumas sugestões que servirão para futuros aprimoramentos.

Para um estudo futuro, dando continuidade a esta pesquisa, um outro assunto que poderá ser abordado é de que forma as igrejas se encaixam dentro do conceito de paisagem cultural. O conceito é definido pela interação entre o ambiente natural e as atividades humanas, estabelecido pela UNESCO em 1992. Neste caso, averiguou-se que as igrejas são componentes estratégicos da formação da paisagem cultural do Vale do Taquari, pois a união da edificação (material) com a paisagem (natural) gerou uma paisagem específica e determinante para a colonização na região, em um funcionamento recíproco do uso dos recursos naturais, utilizados nas construções das igrejas (assim como nas residências) por meio da técnica construtiva enxaimel, utilizada inicialmente e que posteriormente foi substituída por novos padrões estéticos, e finalmente, pela perpetuação de nomes de famílias e manutenção de laços comunitários nas igrejas. Segue o desafio de se pensar, ou em alguns casos, (re)pensar, a memória social como uma constante reelaboração, e de como essas igrejas serão pensadas no futuro, tendo em vista a pouca assistência dada a elas, do ponto de vista patrimonial.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. Trabalho realizado com o apoio do CNPq e da Finep, e apresentado no **Colóquio "O discurso geográfico na aurora do século XXI"**. Florianópolis, 28-29 de novembro de 1996.
- AMTURVALES. Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <http://www.amturvaes.com.br/roteiros/roteiro-turistico-delicias-da-colonia/>. Acesso em: 05 out. 2019.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Colônias**. Caixa 31. Porto Alegre, RS.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Mapoteca**. Mapa nº 455, móvel 05, gaveta 03.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- ATKINSON, Roberto. O legado dos imigrantes. NEUMANN, Rosane M., REINHEIMER, Dalva. (Orgs.) **Patrimônio Histórico nas comunidades Teuto-brasileiras: História, Memória e Preservação**. São Leopoldo, 2014, p.134-146.
- ATLAS HISTÓRICO DO BRASIL. **Golpe Militar de 1964**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/revolucao-de-1964/mapas/ditaduras-militares-na-america-latina-dos-anos-1960-70>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Editora Martins Afonso, 2005.
- BAKOS, Margarete. BRITO, Márcia Raquel de; SILVA, Bartira Machado da. **Obeliscos americanos: polêmicos da Gênese a forma**. PHOINIX, Rio de Janeiro, 10: 195-199, 2004.
- BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS**. Dissertação, UFRGS, 2008.
- BASSAN, Dilani Silveira; GEVEHR, Daniel Luciano. Diferentes pessoas em trânsito: o percurso dos migrantes contemporâneos no Vale do Paranhama (RS). In: MÜHLEN; SANTOS. (Orgs.) **Etnicidade, identidades e processos migratórios: pensando a produção historiográfica recente**. Porto Alegre, Ed. Fi, 2018, p.17-36.
- BIBLIOTECA IBGE – Estrela Rio Grande do Sul - RS. **Histórico**. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/estrela.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- BLOG DO AIRTON. **Airton Engster dos Santos e a história de Estrela-RS**. 2020. Disponível em: <http://aepan.blogspot.com/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BLUME, Welington Augusto. WITT, Marcos Antônio. Organização social e mobilidade espacial: estudo sobre imigrantes alemães e descendentes no Brasil e na Argentina. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p. 7 a 18, jul./dez. 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar**: possibilidades. 2020. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 12 jul. 2020.

CASTRO, Alexandra. Espaços públicos, Coexistência social e civilidade: Contributos para uma reflexão sobre os espaços públicos Urbanos. **Revista Cidades, comunidades e territórios**, nº 5. p. 53-67. Dez. 2002.

CECCHETTI, Elcio; SANTOS, Ademir Valdir dos. **Imigração alemã, Luteranismo e a criação de escolas no Sul do Brasil**. 2015. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20historia%20das%20instituicoes%20e%20praticas%20educativas/imigracao%20alema,%20luteranismo%20e%20a%20criacao%20de%20escolas%20no%20sul%20do%20brasil.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CECCHETTI, Elcio. SANTOS, Ademir Valdir dos. A presença de Lutero no Brasil: o poder da fé, a imigração alemã e a educação. **Comunicações Piracicaba**, v. 25 n. 2 p. 283-305 maio-ago. 2018.

CHIMITE, Yara Fernanda. As igrejas de Novo Hamburgo entre a tradição colonial e a modernidade industrial. In: **Etnicidade, identidades e processos migratórios**: pensando a produção historiográfica recente. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

DAMIN, Marina Leitão; DODEBEI, Vera; MORIGI, Valdir; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Patrimônio Cultural, Memória Social e Informação: a cidade de Porto Alegre na palma da sua mão? **Em Questão**, v. 24, p. 388-403, 2018.

DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô. (Orgs). **O que é memória social?** Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

DODEBEI, Vera. DOYLE, Andréa. Memória do corpo e ciberespaço em diálogo. **Liinc em Revista**, v. 11, p. 77-90, 2015.

DREHER, Martin. Os 180 anos da imigração alemã. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória**: 180 da imigração alemã: Teutônia e Westfália/RS. São Leopoldo; Oikos, 2005, p. 11-31.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. (tradução Rogério Fernandes). Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

FIALHO, Daniela Marzola. **Cidades visíveis**: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana. Porto Alegre, 2010.

FRANCO, Catarina da Costa Couto. **A utilização de Recursos Educativos Digitais na sala de aula: um componente fundamental no ensino?** Relatório de estágio apresentado para obtenção de grau de mestre em Ensino de História. Universidade de Lisboa, 2013.

GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. UFRGS Editora, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos da pesquisa**. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GERTZ, René E. Imigração e História. In: RADÜNZ, Roberto; SLOMP, Loraine. (Orgs.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: Educs, 2007, p.73-86.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO DE IMIGRANTE. Educação, Cultura, Desporto e Turismo. Monumento aos Imigrantes foi inaugurado no município. **Website prefeitura de Imigrante**. 2020. Disponível em: <https://www.imigrante-rs.com.br/site/noticias/ler/1428>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GREGORY, Josemir José. **Fazenda da Estrella: um estudo de caso envolvendo posse territorial e negociações no sul do Brasil durante o século XIX**: Univates, Lajeado, dez. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1419>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLGUÍN, Arodi Morales. Construcción del imaginario de una ciudad mediante tecnologías digitales. **MOUSEION**, Canoas, nº 34, dez. 2019, p.77-89.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Monumentos e espaços públicos tombados**. 2019. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1639/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

JORNAL FOLHA DE ESTRELA, **Ano 16, nº 778**, 25 de julho de 2014.

KERSCHNER, Juliane; MATTANA, Bruna. São Leopoldo Integra o Vale Germânico e Cresce na Classificação do Turismo. **Jornal VS**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/03/05/casa-do-imigrante-desaba-em-sao-leopoldo.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

MEYRER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Márcia; GEVEHR, Daniel Luciano. Ambiências, expografias e seus objetos: a imigração alemã no sul do Brasil a partir das narrativas museológicas. **História: Debates e Tendências** - V.16, n. 2, jul./dez. 2016, p.408-425.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Espaço urbano: memória social e patrimônio cultural. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v.3, n.2, p.323-334, jul/dez, 2009.

MÜHLEN, Caroline Von; SANTOS, Rodrigo Luís dos. (orgs.). **Etnicidade, identidades e processos migratórios: pensando a produção historiográfica recente**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

NICOLINI, Cristiano. Manifestações culturais e identidade germânica no Vale do Taquari: os grupos de danças folclóricas de Estrela e o festival do Chucrute. **XII Encontro De História**, FURG, 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, nº16. p. 279-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Memória e centralidade urbana. **Re. Mosaico**, v.1, n.1. p.3-12, jan./jun., 2008.

PIMENTA, Ricardo M. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das humanidades digitais: um caso para a ciência da informação. **Revista Conhecimento em ação**. V. 1, nº 2, 2016.

PIRES, Karen Daniela. **“O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari e Santo Amaro/RS - final do séc. XIX”**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 20 dez. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1601>. Acesso em: 15 nov. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 nov. 2019.

PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil**. 26. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORQUETINHA. Monumentos ao Imigrante Alemão. **Website da prefeitura municipal de Forquetinha**, 2020. Disponível em: <http://www.forquetinha.rs.gov.br/turismo/6/monumento-ao-imigrante-alemao>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso de tecnologia em sala de aula. **Revista Ensino de Sociologia em debate**, Edição nº 2, vol. 1, jul-dez. 2012.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 247-260, jul. 2000.

RELLY, Eduardo. **Floresta, capital social e comunidade:** imigração e as picadas teuto-brasileiras. Dissertação. Univates, Lajeado, 2013.

RELLY, Eduardo. **Imigração alemã ao Brasil (século XIX) e Prússia:** fronteiras permeáveis e diálogos entre história global e micro-história. História Unisinos. São Leopoldo, 2016.

RELLY, Eduardo. Construindo a “Picada”: colonização florestal, capital social e obrigações comunitárias em Picada Felipe Essig, Travesseiro/RS. **Revista de História e Geografia Ágora**. Santa Cruz do Sul, v.20, n. 01, p. 112-123, jan./jun. 2018.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**. Pelotas, V. 7, 25-42, dezembro/2001.

SANTAREM, Luciano Alves. **Digitalização dos acervos documentais (manuscrito):** novas perspectivas para a memória da Universidade federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, Canoas, 2017.

SCHEEREN, Norma Theolina. **Perfil de uma pequena comunidade** - Arroio do Ouro-Estrela-RS. Ed. Univates, Lajeado, 2010.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela:** Ontem e hoje. Lajeado: O autor, 2002.

SCHMIDT, Renato Francisco (Frei Eugênio). **História e Descendência dos Leidemer-Klock- Schmidt - da Alemanha para o Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SCHNACK, Andrea Cristina. **Patrimônio arquitetônico de Estrela, RS:** diagnóstico para preservação. Dissertação, Santa Maria, 2012.

SCHULZE, Frederik. A constituição global da nação brasileira: questões de imigração nos anos 1930 e 1940. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.21, n.1, pp.237-246, 2014.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, V.4, p.43-53, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro. Trabalho apresentado no **XVII encontro anual da ANPOCS**. Caxambu, MG. 22-25 de outubro de 1993.

SEYFERTH, Giralda. **Estudo sobre reelaboração e segmentação da identidade étnica**. Cadernos CERU, série 2, nº. 13. Departamento de antropologia, Museu Nacional, UFRJ, RJ, 2002.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura Teuto-Brasileira: Literatura, identidade e os significados de etnicidade. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n.22, p.149-197, jul./dez. 2004.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de ciências sociais**. Vol. 26, nº 77, 2011.

SPOHR, Inácio. **História das casas**: um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil-Paróquia Santo Antônio- Estrela/RS. Porto Alegre: Padre Réus, 2018.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre. Artmed, 2008.

STOCKER JR., Jorge Luís. **Sob o Königsberg**: Paisagem e Patrimônio Cultural da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. Dissertação de mestrado em Planejamento urbano e Regional, UFRGS, 2019.

VEDOY, Moisés Ilair Blum. **Contatos interétnicos**: sesmeiros, fazendeiros, imigrantes alemães e indígenas Kaingang em territórios das bacias hidrográficas do Taquari-Antas e Caí. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, jul. 2015.

VIANA, Nildo. Memória e Sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. **Revista Espaço Plural**- Ano VI-Nº 14, 1º semestre de 2006.

VOGT, Olgário Paulo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. Santa Cruz do Sul, RS: Unisc, 2006.

VOIGT, André Fabiano. Emílio Willems e a invenção Teuto-brasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). **Revista História: Questões & debates**, Curitiba, n. 46, p. 189-201, 2007. Editora UFPR.

WEBER, Simone Elisa. **“Colonização Germânica no Vale do Taquari**: os colonos católicos de Santa Clara (século XIX)”. 2016. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 28 nov. 2016.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular da Imigração alemã**. Porto Alegre, 2. ed., Editora da UFRGS, 2005.

WERLE, Bibiana. **Com quantos passados se faz um presente?** Por uma política da justa memória da imigração alemã no município de Estrela (RS)/1926-2018. Tese (Doutorado), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WITT, Osmar Luiz. **Igreja na Migração e Colonização** - A pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. 1. ed. São Leopoldo/RS, 1996.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações Marginais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1940.

WITT, Marcos Antonio. Sobre escravidão e imigração: relações interétnicas. **História: Debates e tendências**, V.14, num. 1, enero-junio, 2014, p. 21-35. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.